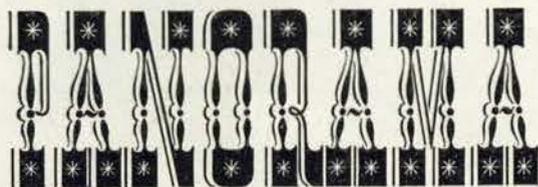
PANORAMA

REVISTA PORTUGUESA DE ARTE E TURISMO

número 4 ano 1 1941

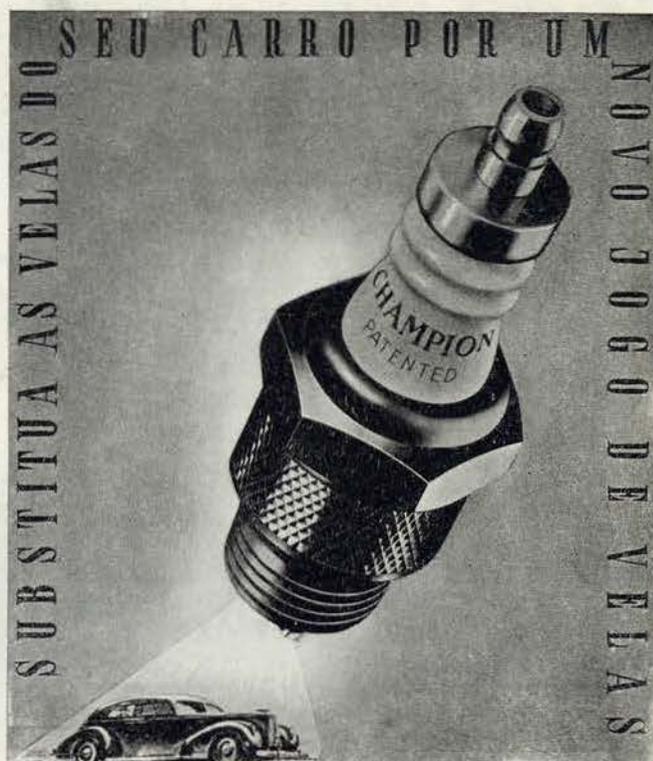
ALBERTO CARDOSO

Está a compôr-se, saindo, portanto, brevemente, a segunda edição do primeiro número do

REVISTA PORTUGUESA DE ARTE E TURISMO

OS NÚMEROS 5 E 6 CONSTITUIRÃO O PRIMEIRO NÚMERO ESPECIAL DA NOSSA REVISTA, E SERÁ DEDICADO ÀS REGIÕES DO

NORTE DO PAÍS

PAÏSAGENS, COSTUMES, TIPOS, ARTE MONUMENTAL, ARTE POPULAR, GRANDES E PEQUENAS INDÚSTRIAS, ETC.

CHAMPION✶CHAMPION✶CHAMPION✶CHAMPION✶CHAMPION✶CHAMPION

CHAMPION

E OBTERÁ MAIOR ECONOMIA E MÁXIMO RENDIMENTO

Representantes: C. SANTOS, LDA.
AV. DA LIBERDADE, 29 A 41 – TELEF. 2 6241 A 2 6243

CHAMPION✶CHAMPION✶CHAMPION✶CHAMPION✶CHAMPION✶CHAMPION

Pelaria Pampas

REABRIU COM AS SUAS INSTALAÇÕES COMPLETAMENTE RENOVADAS E APRESENTA COMO NOVIDADE DA ESTAÇÃO ENORME VARIEDADE DE PELES E OS MAIS MODERNOS MODELOS EM CONFECÇÕES

65, Rua dos Retroseiros, 65 – Lisboa – Telefone 2 1004

O CAFÉ PARA O BOM APRECIADOR
AROMÁTICO
AGRADÁVEL
CAFÉ COLONIAL
SABOROSO

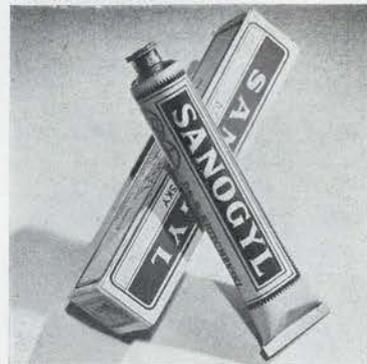
UM TRABALHO DE LABORATÓRIO PERFEITISSIMO

INSTANTA

A MODERNA CASA DE ARTIGOS FOTOGRÁFICOS. ÚNICOS ESPECIALISTAS EM
LEICA, CONTAX, RETINA E CINE 8 m/m

RUA NOVA DO ALMADA, 55-57 • LISBOA

Aqui se aconselha...

PERANTE a grande variedade de dentífricos, é difícil a qualquer pessoa escolher, dentre êles, o que melhor satisfaça as necessidades da sua higiene. Êsse embaraço, porém, desaparece se o comprador se lembrar da pasta *Sanogyl*. O Instituto Pasteur de Lisboa possui a melhor pasta para dentes: *Sanogyl*, cientìficamente preparada de modo a exercer uma eficaz acção desinfectante, sem alterar o esmalte dos dentes. Logo, deve usar sempre a pasta *Sanogyl*.

NÃO tenha dúvidas! — Só poderá exigir à sua dactilógrafa que trabalhe com rapidez e perfeição se lhe der uma boa máquina. Compre uma *Remington, modêlo 17*, (silenciosa e com várias inovações) e obterá os seus trabalhos com mais rendimento e melhor execução. REMINGTON PORTUGUESA, LDA., Rua da Misericórdia, 20, 1.º, telefones 2 1802 e 2 1803, Lisboa. Rua de Sá da Bandeira, 69, 2.º Esq., telefone 1276, Pôrto.

POSSÌVELMENTE já lhe aconteceu depois de comprar uma peça de ourivesaria valiosa, ficar desapontado por lhe surgir uma disparidade entre o seu valor e o trabalho de execução que o inferioriza e lhe dá o aspecto de coisa banal. Se o tivesse adquirido na *Ourivesaria da Guia*, rua Martim Moniz, 2-10, Lisboa, isso não lhe teria acontecido porque os seus objectos de ouro e prata parecem valer muito mais, tal é o esmero e o bom gôsto com que são trabalhados.

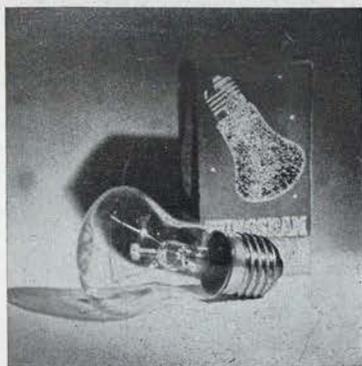
VAI desistir de jogar na lotaria?! — Não faça isso. Se até agora ainda não lhe coube qualquer prémio grande, é porque nunca comprou jôgo numa casa afortunada. Passe, portanto, a ser cliente do QUIOSQUE TIVOLI, na Avenida da Liberdade, ou da sua *Sucursal*, também em Lisboa, na Rua da Prata, 171, e a sorte lhe tocará. Saiba que o QUIOSQUE TIVOLI é das casas que mais prémios vendem semanalmente e já conta um verdadeiro «record» na distribuïção das «taludas».

que leia, veja e compre

TUNGSRAM - KRYPTON é a lâmpada hoje preferida para faróis de automóvel. Dando mais luminosidade do que qualquer outra, dispende menos energia. Esta razão é suficiente para se aconselhar o seu uso. Não lhe parece? — Se quere poupar dinheiro, economizando a bateria do seu carro, faça, pois, a substituïção das lâmpadas do seu automóvel pelas da marca *Tungsram-Krypton*. Com estas, ficam as noites claríssimas. Viajará com mais gôsto e maior tranqüilidade.

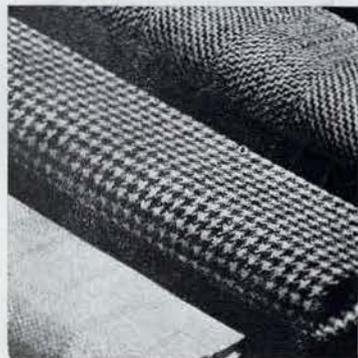
TRRTRR... zszs... fsss... fsss... — Então? Não consegue apanhar o posto?! Até parece impossível, um aparelho tão grande! — Pois o meu, um FADA RÁDIO, é muito mais pequeno do que êsse, mas não calcula, uma maravilha! Ouço com êle tôdas as estações, mesmo as mais longínquas e sempre perfeitamente. Olhe: o meu FADA RÁDIO é igual a êste, e vende-se na casa A. L. Ferreira, Lda., Rua Augusta, 280, 1.º, e em tôdas as boas casas de Rádio.

JUVÉNIA, o melhor restaurador da juventude dos cabelos, é um magnífico preparado cujo uso lhes restitui a primitiva côr, quando já grisalhos ou brancos. É, assim, JUVÉNIA um produto de grande valor e utilidade, que também evita a caspa e a queda do cabelo, ao qual conserva tôda a sua vitalidade. O uso de JUVÉNIA não tem o menor perigo. Não mancha a pele, não suja o cabelo e não acarreta as complicações do emprêgo de tinturas mal preparadas.

UMA das maiores preocupações das boas donas de casa é a economia da luz eléctrica. Mas essas preocupações não têm já razão de existir. As lâmpadas *Tungsram-Krypton* acabaram de vez com elas, pela extraordinária economia de consumo. Interrogue alguém que tenha o bom senso de usá-las, e verá que lhe responde prontamente: A lâmpada *Tungsram-Krypton*, porque gasta menos, dando uma luz intensa e brilhante, deve ser a preferida na sua casa.

Aqui se aconselha...

COM as primeiras chuvas chegou a ocasião de o leitor pensar na compra de uma boa gabardine. A GRAVATARIA PARIS apresenta, na fotografia junta, a sua *Gabardine Paris*, que é, sem dúvida, das melhores: pela superior qualidade do seu tecido, óptima execução e elegância do corte. Portanto, não compre a gabardine de que necessita sem visitar primeiro a GRAVATARIA PARIS, na Rua Aurea, 172, em Lisboa. Telefone 2 6736.

É sempre agradável ter-se à mão os objectos necessários para se trabalhar à vontade. Assim, para apetrechar o seu gabinete convenientemente, deve ir escolher o que precisa à PAPELARIA VASCONCELOS, na Rua da Prata, 270, Lisboa. Aí encontrará enorme variedade dos mais modernos e aperfeiçoados artigos de escritório, que além de lhe serem úteis, darão também um aspecto atraente à sua casa de trabalho, pelo bom gôsto da sua apresentação.

NÃO nos enganámos quando previamos maravilhosa a nova colecção de Inverno de 1941, que seria apresentada pela SUPERBUS, e da qual se destaca o conhecido tipo DESPORTEX. De facto, a delicadeza e o bom gôsto dos seus padrões, aliados à magnífica qualidade dos tecidos, tornam esta marca preferida de todos os cavalheiros que vistam bem. Peça no seu alfaiate que lhe mostre as últimas novidade SUPERBUS e DESPORTEX.

É sempre agradável para os pais recordar as gracinhas do bébé, os primeiros passos, o aparecimento do primeiro dentinho, as primeiras palavras... Com o tempo, quási se perde a memória dêstes factos, que todos gostariam de conservar. A CASA DO LIVRO, na Rua Áurea, 140, 1.º - Lisboa, tornou isso possível, editando com esmerado aspecto gráfico o livro «*Uma História Pequenina*». Neste livro poderão os pais apontar o que lhes é mais precioso da vida do seu bébé.

que leia, veja e compre

Já experimentou alguma vez os produtos de beleza *Raínha da Húngria*, de MADAME CAMPOS? Os *Cremes* para de dia e para de noite, e o *Pó de Arroz Raínha da Húngria*, foram escrupulosamente estudados antes de serem lançados à venda. Assim, estes *Cremes* são cientìficamente preparados e a sua pureza é inexcedível; o *Pó de Arroz* é fino, aderente e invisível. Experimente os Produtos M^me^CAMPOS

Êste chapéu que se vê na gravura, pela elegância do seu formato, é inconfundível. Ressalta logo à vista a sua esplêndida qualidade. — Não é isto? Então, se quere usar um bom chapéu, um de superior qualidade, como êste, por exemplo, entre na PHEBUS — camiseiros e chapeleiros — Rua do Ouro, 287, que vende PALMARES e adquira o modêlo *Lord*. PALMARES é, em todos os aspectos, o melhor dos chapéus. Daí a preferência que os elegantes lhe dão.

Não julgue, pela fotografia, que vamos fazer um anúncio sem pés nem cabeça... Pelo contrário: é o bom senso que nos leva a aconselhá-lo que o veja com atenção, e meta pés a caminho até à CASA MILORD, na Rua de Santa Catarina, 208, no Pôrto, para ver e comprar os magníficos artigos de vestuário, que são, sem exagêro, dos melhores que se vendem no Pôrto ou em Lisboa. Na CASA MILORD encontrará *tudo para homem...* excepto calçado.

O ELIXIR ESTOMACAL SAIZ DE CARLOS é um preparado de agradável sabor, que auxilia as digestões, tonifica, aumenta o apetite, e que pode ser usado tanto pelos dispépticos, como pelas pessoas saùdáveis. Deve, porém, verificar na etiqueta da garrafa a marca *Stomalix*. À venda em tôdas as farmácias. Representantes: Azevedo, Irmão & Veiga, 24, Rua da Misericórdia, 42 e Azevedo, Filhos, 31, Praça D. Pedro IV, 32, Lisboa.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. DA ROSA, 277, 2.º - TEL. 29311 - LISBOA

PANORAMA

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

EDIÇÃO MENSAL DO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

SETEMBRO, 1941 N.º 4 VOLUME 1.º

CAPA DE ALBERTO CARDOSO — GRAVURAS EM MADEIRA DE MILY POSSOZ — DESENHOS DE RAUL LINO E BERNARDO MARQUES — FOTOGRAFIAS DE ALVÃO, ANTÓNIO PARRO, BIVAR SALGADO, CARLOS RIBEIRO, CASIMIRO VINAGRE, EDUARDO PORTUGAL, ERNEST HIRSCHI, HORÁCIO NOVAES, DR. LACERDA NOBRE, M. DA CUNHA GONÇALVES, MARIO NOVAES, MARTINS CORREIA, PERESTRELO, SALAZAR DINIZ e TOM

Condições de assinatura: Continente e Ilhas adjacentes, 6 números 15$00, 12 números 30$00 — Colónias Portuguesas, 6 números 17$50, 12 números 35$00 — Estrangeiro, 6 números 20$00, 12 números 40$00

DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA DA EDITORIAL, ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — LARGO TRINDADE COELHO, 9, 2.º — LISBOA

PREÇO: 2$50

JALCO

é uma palavra que já se fixou na memória de tôda a gente. Quem ouve pronunciá-la ou a vê escrita, pensa imediatamente em interiores confortáveis, mobilados e decorados com arte e fino gôsto — o que as suas realizações sempre confirmam.

Mas JALCO não se limita a um só género de decoração. Quem observar as gravuras presentes, verifica que em todos os géneros a casa JALCO deixa timbrado o prestígio do seu nome: interiores rústicos, casas e quartos luxuosos, escritórios, lojas e salas de espera de emprêsas comerciais.

Para cada circunstância, JALCO sabe escolher o estilo mais adequado, harmonizando todos os elementos. Por isso os interiores «signés» JALCO são sempre confortáveis, mobilados e decorados com arte e fino gôsto.

Jalco Lda.

44, RUA IVENS, LISBOA. TELEFONE 2 8089

A fachada do edifício do Comando da Escola Naval. — Foto Mário Novaes

A ESCOLA NAVAL E O ARSENAL DO ALFEITE

por

Correia de Melo

DEZ horas batidas nesta manhã de Setembro transparente e calma, encontro junto à Casa da Balança do velho Arsenal do Terreiro do Paço, o 1.º tenente Teixeira da Silva, meu guia amável na visita que pretendo fazer à Escola da Marinha e Oficinas da Real Quinta do Alfeite, na margem fronteira.

Aguarda-nos um rebocador, onde empreendemos a travessia.

Diante de nós o Tejo prolonga-se num plaino reverberante, incendiado pela crueza da luz, que desce a prumo sôbre a água e entontece o vôo musical das gaivotas. O rio vive as horas matinais da faina ribeirinha que já Fernão Lopes, há quinhentos anos, não resistiu ao gôzo de anotar, e a vela côr de açafrão, perdida além, é a legenda que melhor acerta no perfil moreno de Lisboa.

Ao lado, o vaporzinho cacilheiro deixa um rasto de espumas batidas pela hélice diligente. À medida que nos acercamos da margem esquerda, ficam para trás as povoações da Cova da Piedade e do Caramujo, sumidas na teia de névoas que sobe da massa aquática e alastra pelas ribas até as envolver.

Agora destrinço, nìtidamente, as diversas construções que compõem os conjuntos da Escola Naval e das Oficinas; no primeiro plano, à direita, observo com curiosidade o palácio mandado levantar, nos meados do século XIX, por D. Pedro V. Salto para um batelão, que me facilita o desembarque e antes de iniciar a minha peregrinação, chamo à lembrança, apressadamente, a leitura, feita na véspera, do «Guia de Portugal».

A Quinta do Alfeite, situada a S.E. da Cova da Piedade, entesta com o Seixal e foi propriedade da Raínha D. Leonor Teles.

Em 1404, passou para D. Duno Álvares Pereira, sendo muito mais tarde adquirida por D. Pedro II, que a encorporou na Casa do Infantado.

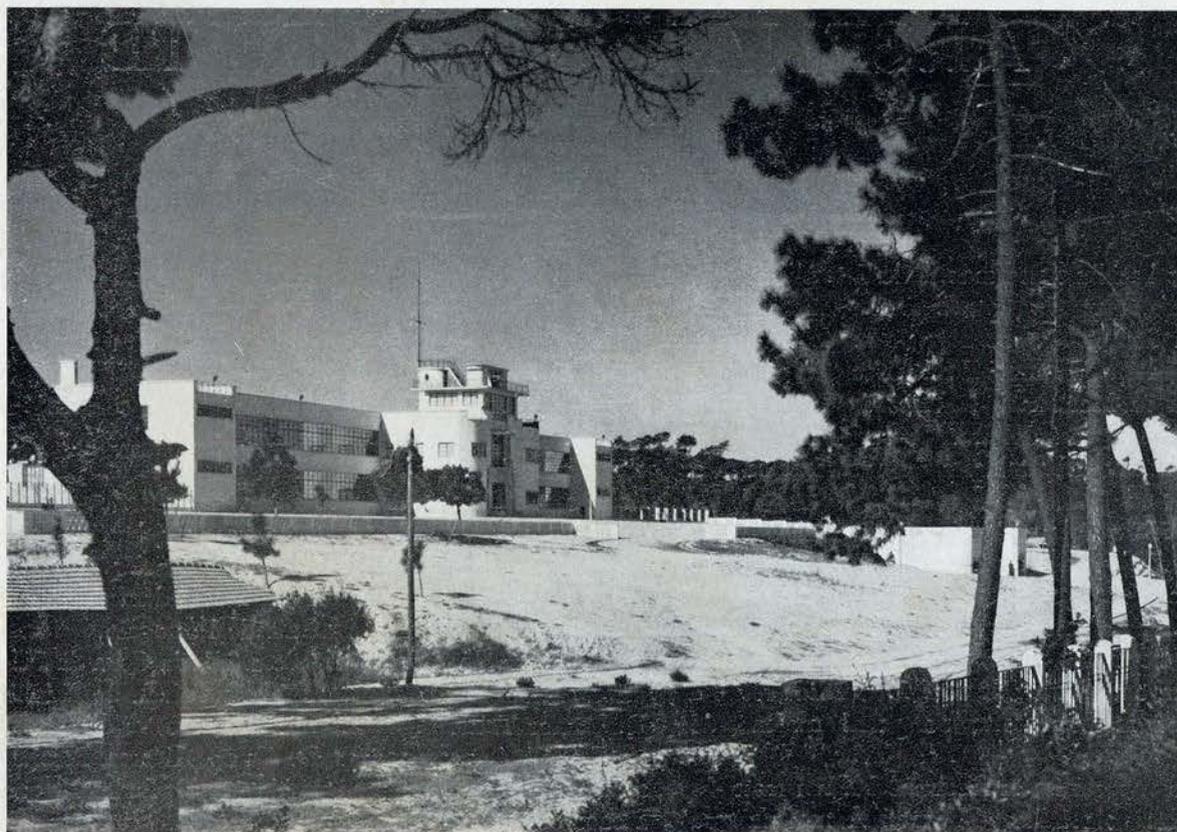
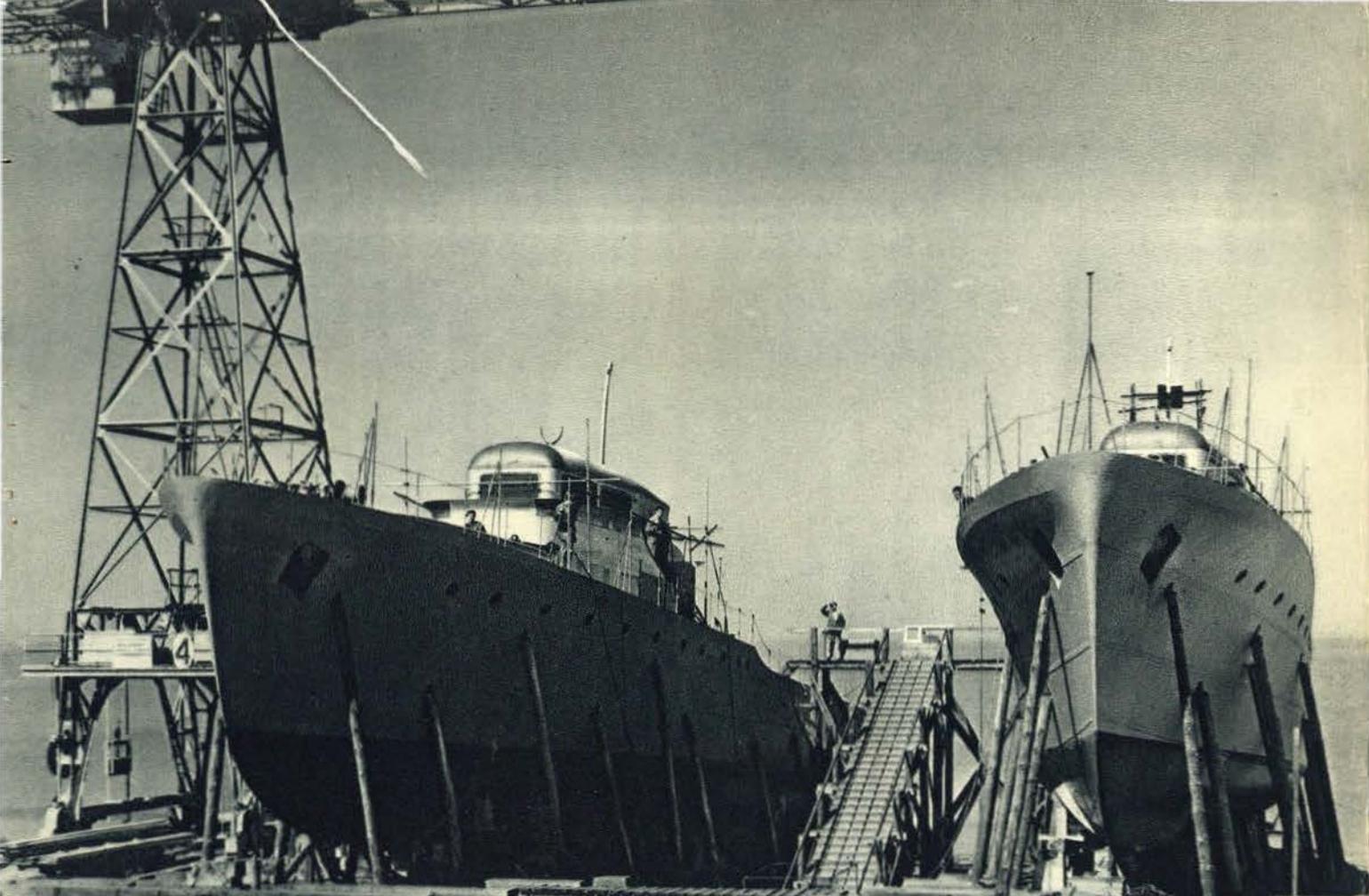
D. João IV e D. Miguel acrescentaram-na com novas quintas circunjacentes, até que em 1834 foi definitivamente incluída nos bens da coroa.

*

Na Escola Naval recebe-me, fidalgamente, o 2.º Comandante Nuno Frederico de Brion, com aprumo e galhardia, timbre dos marinheiros de alta estirpe. Percorro as instalações escolares acompanhado pelo Oficial de serviço, que leva a sua gentileza ao ponto de tentar explicar-me o funcionamento da aparelhagem complicada que me rodeia.

Tudo aqui é de um asseio irrepreensível e o ambiente das aulas alegre e cheio de claridade. Visito a Oficina Escolar e de Reparações, o Gimnásio e as instalações dos Cadetes, atravesso um campo de «foot-ball» e entro no edifício do Comando, obra dos arquitectos Rebelo de Andrade, que conseguiram sugerir nos volumes da construção reminiscências de arquitectura náutica de feliz equilíbrio.

O «hall», pavimentado de mosaicos de lioz, é encimado por uma ampla galeria, que corre nas quatro faces, assente em colunas de cantaria de Sintra. No piso inferior do edifício alinham-se as salas de aula, pedagògicamente apetrechadas com o material indispensável para

O poderoso guindastre do Arsenal.
Um ângulo da Escola Naval.

DUAS EXPRESSIVAS IMAGENS DO ARSENAL DO ALFEITE

um ensino que necessita, a cada passo, de se apoiar no próprio objecto.

Mostram-me, entre outras, as aulas de torpedos, motores, máquinas, balística e electricidade; subo ao primeiro andar, onde se encontra o gabinete do Comandante, mobilado com um bom gôsto que me surpreende, dou ainda um olhar pela Sala do Conselho, apeteço, por um pouco, a simpática solidão da Biblioteca e galgo a escada de caracol que me leva ao terraço, do qual descubro um admirável panorama, diluído na lonjura em que se projecta. Do meu lado direito descortino o castelo de Palmela e o dorso violeta da Serra da Arrábida; à esquerda, alonga-se um exíguo promontório, onde se aninham as vilas de Cacilhas e de Almada e, na quieta luminosidade do entardecer, avulta, como pano de fundo, a cidade de Lisboa, reflectida na translucidez irisada do Tejo.

Deixo o corpo central do edifício com a sua Ponte de Comando, Tôrre da Bússola, Casa da Pilotagem e outras dependências; espreito o pinhal rumorejante e adivinho ali a melodia doce de um melro, que parece suspensa no esmorecer da luz.

Resta-me, apenas, como final da viagem, a colheita de alguns elementos, que me disponho a adquirir, sôbre a organização e funcionamento do Arsenal, edificado à beira-rio, em frente da Escola de Marinha.

Compõem-no um corpo de vários edifícios; porém, sòmente dois são obra dos arquitectos irmãos Rebelo de Andrade, pertencendo os restantes a construções anteriores. Da actividade das suas oficinas, fala, mais do que que tudo, o Relatório do ano de 1940, publicado há pouco. Dêle extraímos os dados estatísticos que se nos afiguram de maior importância.

Assim, para os que se interessem pela questão, diremos que em 1940 foi construído no Arsenal do Alfeite o novo navio hidrográfico «D. João de Castro», ultimada a construção de duas lanchas de fiscalização, começada a construção de outras duas, de um batelão, dois vapores arrastões, seis embarcações menores e duas vedetas.

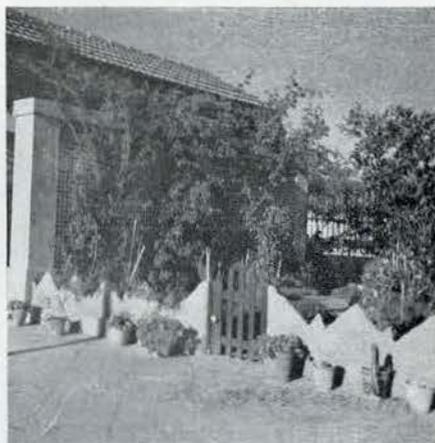
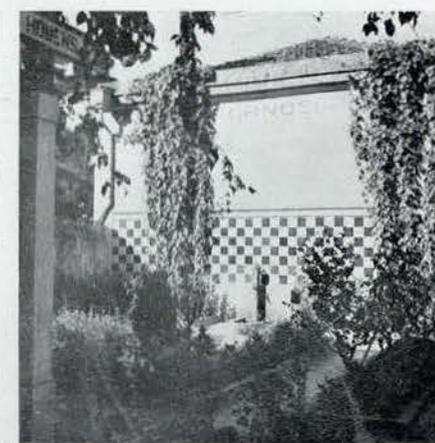
Quanto ao trabalho de reparações e de beneficiações, destaca-se o efectuado no contratorpedeiro «Lima» e na canhoneira «Ibo», realizado com a melhor das proficiências técnicas.

Do exposto no referido Relatório conclui-se que o movimento diário do Arsenal, no capítulo de consertos e melhoramentos, foi, no ano findo, de seis navios com o total de 5.550 toneladas, perfazendo o pessoal mobilizado no serviço, o elevado número de 1.474 pessoas.

Julgamos estas notas suficientes para, através delas, se poder calcular o enorme e disciplinado esfôrço que representa a renovação das nossas indústrias navais, superiormente orientadas. Basta ir ao Alfeite e procurar ver, para disso trazermos a certeza.

As amplas oficinas do Arsenal. — Fotos Mário Novaes

CAMPANHA DO BOM GÔSTO

Os Serviços de Turismo do Secretariado da Propaganda Nacional resolveram lançar, éste ano, uma oportuna modalidade da campanha do bom gôsto: o «Concurso das Estações Floridas». Se o objectivo da iniciativa era óbvio, as fotografias reproduzidas nesta página confirmam a sua razão de ser e revelam o seu êxito. Quanto mais aprazíveis não ficariam, assim, tôdas as estações e apeadeiros — ante-câmaras das povoações que marginam as linhas de Caminhos de Ferro.

O primeiro dos três prémios do Concurso (2.500$00) foi conferido à estação de Castelo da Maia, na linha do Pôrto à Póvoa e Famalicão: — 1.ª e 2.ª gravuras, ao alto da página. O segundo (1.500$00) à estação de Luso-Buçaco: — 3.ª gravura. O terceiro (1.000$00) à estação de Alcântara-Mar: — 1.ª das gravuras que encimam esta legenda. As restantes imagens são de outras estações (nelas se lêem os nomes) cujos chefes e pessoal se esforçaram por conquistar algum dos prémios, tendo merecido, por isso, um voto de louvor, proposto e aprovado pelo júri. — CLICHÉS TOM

Feiras e Mercados

Logo de madrugada, muitas vezes de véspera, armam-se as barracas na praça mais ampla da povoação. A ordem não é rigorosamente simétrica, mas obedece a uma lógica primacial: a dos géneros. Quási sempre o espaço interior é reservado para a exposição das alfaias agrícolas, das indumentárias, das olarias e das bugigangas; na periferia instalam-se os vendedores de espécies alimentícias, com as frutas e as hortaliças no primeiro plano. Um pouco distante, o gado.

Para quem nunca viu uma feira provincial, as imagens presentes dão uma idéia – com a côr e o movimento supridos pela imaginação.

Interessa mais, por isso, recordar quanto estas feiras periódicas modificam e animam a fisionomia das terras. Cedíssimo, afluem os forasteiros das povoações vizinhas. Há mais poeira nas estradas e, até, mais sol. Camionetas, carroças, alimárias... Os burros, nem sempre tão pachorrentos quanto desejariam, vão pelas bermas, em fila indiana.

Quando o calor aperta, já a aldeia parece uma vila, e a vila uma cidade. O movimento das ruas é festivo. As lojas enchem-se até à porta. Os ruidos misturam-se e elevam-se, com acentuado predomínio das vozes femininas e dos chocalhos.

Têm mais grandeza e carácter as feiras anuais. Os habitantes de algumas léguas em redor levam doze meses a pensar nelas, como os do Rio de Janeiro no Carnaval. Não admira: terão sempre festa rija, com filarmónicas, bailarico, foguetório, quermesse, arraial e fogos de vista. A par disso – por dentro de tudo isso – amores ingénuos, que ali nascem ou se confirmam.

Nas feiras e mercados há muita coisa gozosa e instrutiva para os olhos; e também para os ouvidos. Se é onde se exibem os produtos, os trajos e os tipos humanos mais característicos das regiões, também é lá que se expande, à-vontade, a índole dos naturais.

Pode mesmo dizer-se que são verdadeiros laboratórios de psicologia experimental. No jôgo da compra-e-venda é que o *saloio*, por exemplo, não pode ocultar o seu complexo de desconfiança e de manha. Primeiro que se convença que a junta de bois é sã e o preço é o mínimo – quanto suor e quanta dialética!

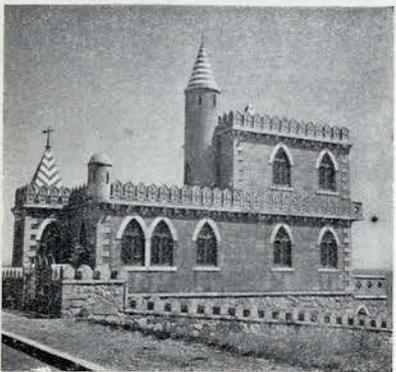
Agora, o mais importante: É que a população da capital não visita, com freqüência, as feiras provinciais. E como não faz parte da maneira de ser do nosso povo reclamar o que produz, acontece que muitos

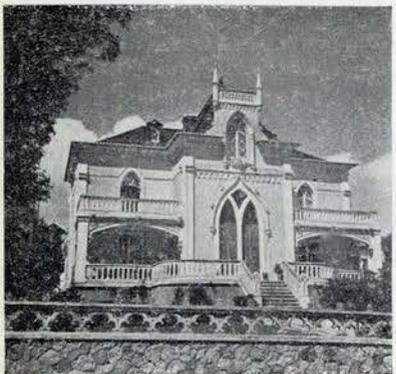
e excelentes especimes da arte e das indústrias populares são ignorados ou mal conhecidos pelos lisboetas. Por outro lado, o bairrismo repele, naturalmente, o aprêço — e até o conhecimento — da produção extra-regional. Para os habitantes de Bucos, quem mais, neste País, produz cobertas que se vejam?! E as cobertas de Bucos lá ficam, empilhadas, à espera da feira anual de Cabeceiras de Basto, onde fatalmente e pitorescamente brilharão. Como êste exemplo, dezenas de outros. É preciso ir lá, para se ver. E vai-se tão pouco!

Pois bem: — não remediaria êste inconveniente a criação duma feira-síntese em Lisboa — a que poderia chamar-se a «Grande Feira de Outono» — na qual se fizessem representar, anualmente, os mais apurados produtos das indústrias e da arte popular das várias regiões? Não seria êste o melhor meio de propaganda dos mesmos e — pela sua fácil aquisição — o mais eficiente processo de se ornamentarem, de futuro, com carácter e economia, os interiores anodinos (alguns dos quais horrìvelmente luxuosos) de tantas casas de Lisboa? Meditem nas vantagens desta iniciativa aqueles a quem ela possa, mais directamente, interessar. E mandem-nos sugestões.

«PANORAMA»

A esta casa cheia de enfeites e que nada tem de português, falta-lhe o melhor: proporção, harmonia. Lembra certas pessoas que falam muito e nada dizem. Luxo inútil e inexpressivo!

Isto, sim, é mil vezes preferível. Porque está dentro de uma tradição arquitectónica onde o bom senso imperava: — sentido das proporções, sobriedade, honestidade e carácter nìtidamente nacional.

Dirão: Uma infantilidade! Mas não: a casa não pode ter sido projectada por uma criança de 5 anos. Trata-se, portanto, de uma criação de segunda meninice. Irremediável!

Ter uma casa simples não é motivo de vergonha para o proprietário. Mas «enfeitá-la» da maneira espantosa, inverosímil, como esta foi — isso devia ser proìbido por lei.

Cuidado com as modas — Houve tempo em que era moda imprimir sabor gótico às novas construções, o que se tornou insuportável. Boas casas só podem fazer-se com inteligência, e esta nada tem que ver com as modas.

Ainda as Casas Portuguesas

por RAÚL LINO

A*d petendam pluviam* se diz das preces que a gente do campo reza, em épocas de prolongada estiagem, implorando da misericórdia divina o benefício das indispensáveis chuvas. Sempre me pareceu um tanto impertinente esta maneira especificada de pedir, como se Deus não soubesse, quando quere, escrever direito por linhas tortas. De facto, algumas vezes, as chuvas vêm em torrentes que nunca mais acabam, levam terreno e culturas, e só lembram o caso do bruxo aprendiz, aflito por não poder estancar os caudais devastadores em má hora conjurados. Pedir por pedir, mais acertado nos parece irmos directamente ao nosso fim, impetrando da divina Providência a concessão de fartas colheitas. Assim ficaria logo tudo arrumado com um só pedido.

Ocorre-me isto a propósito da idéia que tivemos, há bastantes anos, de tentar reaportuguesar a nossa arquitectura. Lembrámo-nos, para comêço, de querer acabar com os *chalets*, que constituíam o pior insulto das nossas paìsagens, e exortámos a gente desta terra a que se deixasse de imitar os suíços, ou lá quem eram, e que de novo se voltasse para a boa maneira portuguesa de construir casas.

Pois caímos então no mesmo êrro da especificação. Deixaram efectivamente de aparecer mais *chalets*, mas ficaram ainda os *chateaux*, os castelórios, as mansões arábicas, os mil e um produtos da fantasia dos curiosos; e, quanto ao reaparecimento da arquitectura, que devia ser o contraveneno dêstes desmandos, desencadeou-se tal chuvada de beiralinhos, azulejos, pilaretes e alpendróides, que ainda hoje perdura a maré dos arrebiques inúteis, ... obvertendo tôda a boa intenção! Não, — o que devíamos ter suplicado seria simplesmente que Apolo nos iluminasse de bom senso. Bastaria isto para o caso ficar bem arrumado, e de vez. Não falemos já do bom gôsto, que é um produto raro, com certas particularidades indetermináveis; a sua exegese tem qualquer coisa de cadeia hermética; há até quem julgue que o bom gôsto constitui uma espécie de maçonaria; em todo caso é matéria subtil que nada ganha em ser encarada com insistência; — deve apreciar-se, revelar-se no nosso íntimo, mas é mais bonito não se falar muito, e a propósito de tudo, no bom gôsto. Pelo contrário, o bom senso é coisa positiva, que se pode incutir em doses sólidas; convém ser largamente cultivado, generalizado, popularizado e ministrado nas escolas primárias. Foi o bom senso, apoiado pela boa educação, que manteve, até há cêrca de cem anos, o panorama harmonioso da casa portuguesa, — panorama que se estendia até ao Brasil e às províncias ultramarinas. Havia, então, uma casa portuguesa tão característica como a casa inglesa, a japonesa, ou a de qualquer outro país onde imperasse o bom senso nacional.

Mas veio, depois, o liberalismo, logo degenerando no vírus da liberalice, agravado pela decadência das corporações. Cada pessoa tinha as suas idéias, cultivava teorias e gostos muito individuais, — sobretudo havia um grande mêdo de perder liberdade. Quando, por último, surgiu o culto do original, — originalidade que não resulta de uma vida esforçada, mas ponto de partida que se adopta, — a confusão então tornou-se completa. E aí se podem ver os resultados, para quem os quiser observar.

Constitui óptimo calmante, chega a produzir verdadeira cura metabólica, o tratamento a injecções de bom senso que representa a contemplação inteligente e amorosa dessas casas anónimas, sem pretensão, probas, usuais, cheias de naturalidade, belamente sólidas e escorreitas, que formam os arruamentos de há cêrca de cem anos na maioria das nossas cidades. Não sei de qualificativo que melhor quadre a estas casas que o de *honestas*. As de Lisboa, por exemplo, servem até de lição de arquitectura estandartizada: vãos iguais emoldurados de cantaria lisa, sacadas rectilíneas, cimalhas e beirais da regra. Dentro da sua clareza e uniformidade, surge um ou outro pormenor de diferenciação discreta que basta perfeitamente como distintivo ao amor próprio dos donos ou construtores, — variações no desenho das grades ou caixilharia, aplicação de azulejo etc., etc. Não há prurido de salientação vaidosa. As casas não gritam nem se acotovelam para atrair as atenções de quem passa. Tudo é conformidade, harmonia, uso geral, boa apresentação, boas maneiras, dignidade... honestidade.

Se eu fôsse prègador, aconselharia calma, moderação, refreamento na fantasia a quem hoje se propõe construir casas; se eu fôsse ditador, iria mais longe: — estabeleceria certos tipos, extremamente simples, de janelas, portas, pilares, etc.; e tornaria

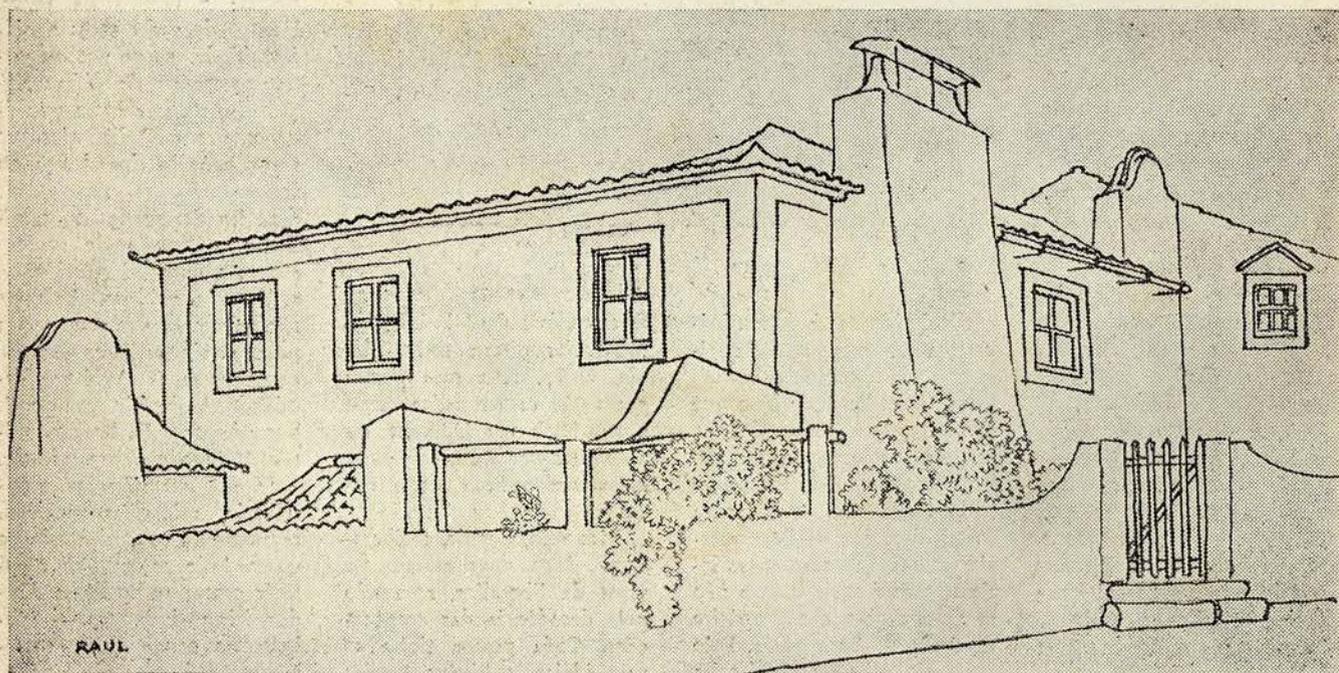
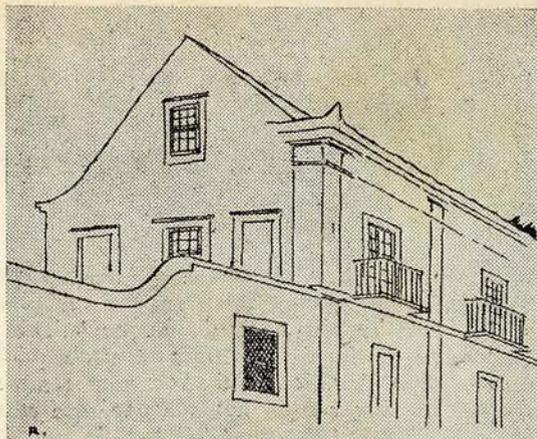
estes padrões obrigatórios por uma lei especial de emergência, enquanto não passasse o período transitório que atravessamos. — Senhores, aqui tendes os elementos registados para uso durante uma temporada de saneamento, época de retratação e penitência; usai dêles, e só dêles, como quiserdes, até ao advento do período do bom senso.

Com o bom senso viria, — já se sabe — o reconhecimento de que é lógico, próprio, interessante e de certo modo mais vigoroso, afinar a obra nova pela que ainda subsiste de outros tempos. É simplista ou infantil supôr-se que só os materiais novos e os processos recentes de construir é que hão-de condicionar a arquitectura da actualidade, como se outros motivos não existissem, além dos de ordem tecnológica, para determinar as nossas obras; como se a missão da arquitectura se resumisse apenas em justificar preceitos de economia ou industrialização.

Neste ponto, a obra dos actuais arquitectos italianos é digna de todo o louvor. Roma é uma cidade onde o passado não se pode esconder, nem disfarçar, nem menosprezar; onde a arquitectura do passado chegaria até ao esmagamento do presente se os arquitectos artistas da actualidade não houvessem sabido parar o golpe por meio de uma habilíssima adaptação da sua obra às circunstâncias. Alguns dos artistas italianos — certamente os mais interessantes — souberam inspirar-se na arquitectura da antiga Roma, não como ela teria sido, interpretação erudita, mas impressivamente, pelo que dela resta nos inúmeros monumentos da cidade eterna; inspiraram-se na ruína descarnada, despida dos seus revestimentos opulentos; serviu-lhes o que existe de monumentalidade e de profundamente estrutural nestes restos, para de aí extraírem a essência de uma nova arquitectura impregnada de nobre severidade, isenta de artificiosismo, reflexo das qualidades de fôrça acerada e ao mesmo tempo de abstinência que caracterizam a Arte contemporânea, mas, no entanto, uma arquitectura fundamentalmente romana — romana dos quatro costados. Os arquitectos italianos souberam, assim, aparar orgulhosamente a pesada herança de um passado de esmagadora grandeza, e, balanceando nas suas hábeis mãos o legado magnífico, imprimiram-lhe vibração nova e projectam mais uma vez a voz de Roma através das gerações que hão-de vir. Conseguem assim estes artistas transmitir-nos um dos mais raros prazeres que a Arte nos pode dar, e que talvez só na criação dos grandes mestres da música absoluta se torna perfeitamente possível: — a sensação da continuïdade no tempo. Sensação tão essencialmente humana, como a da simetria, a do equilíbrio ou a do próprio ritmo.

Tão acertada está sendo esta acção dos arquitectos italianos que, se da cidade eterna passarmos à capital da Toscana, encontramos aqui não já uma arquitectura que reflecte a monumentalidade típica de Roma, mas uma Arte mais leve e sorridente, de outra grandeza, marcada com as características florentinas...

Ao pé desta produção séria e vital, as tentativas Corbusierescas reduzem-se ao seu verdadeiro significado de feira oportunista, que já está sendo levantada.

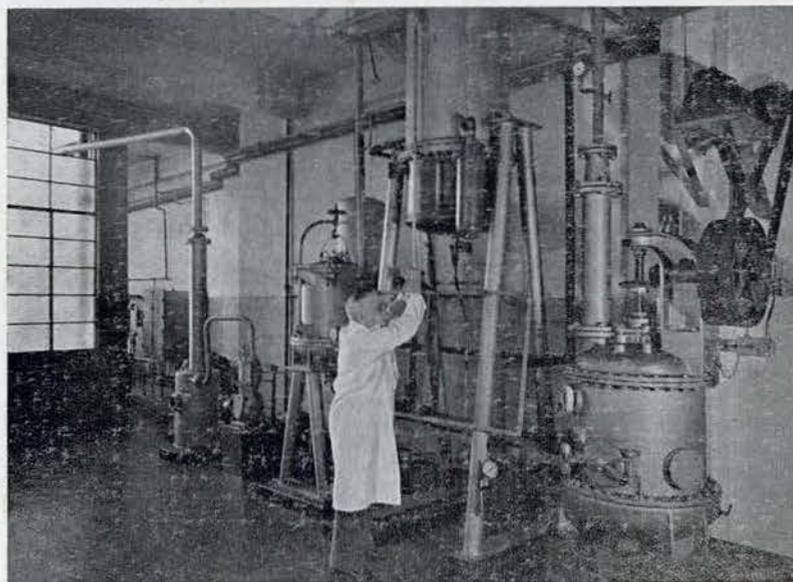
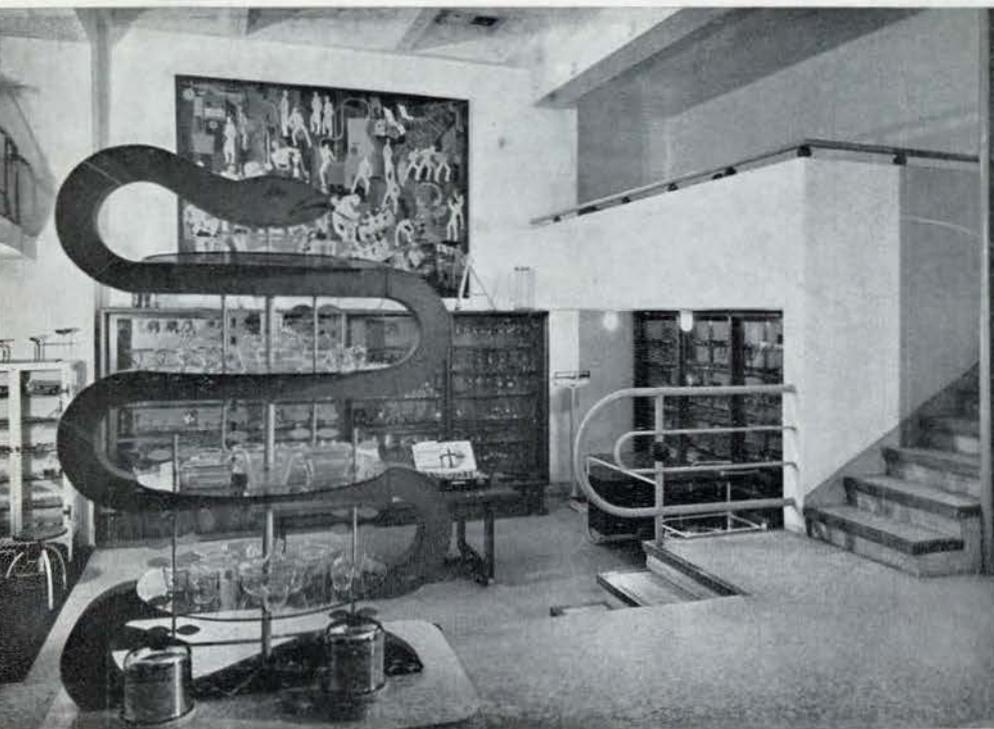
— Não haverá por aí quem se queira habilitar a empreender jôgo parecido ao dos artistas italianos, em meio das nossas relatividades? — Procuram-se jogadores adestrados, com talento vigoroso e com uma visão clara e elevada das circunstâncias!

Instituto Pasteur de Lisboa

No artigo de abertura do nosso primeiro número anunciámos, como finalidade desta revista, a divulgação, pela palavra e pela imagem, dos aspectos paisagísticos, das obras de arte culta e popular e, também, das «manifestações do espírito realizador, da capacidade construtiva, dos recursos vitais da nossa terra — que são, em síntese, as obras públicas e os produtos industriais».

Aqui chegados, faltava-nos cumprir o último capítulo dêste esbôço de programa. Não porque fôsse considerado dos menos importantes, mas porque ainda estamos no princípio, os assuntos são inúmeros e o espaço é limitado.

Hoje, porém...

PANORAMA focou a sua objectiva numa indústria nacional: a de produtos farmacêuticos, visitando as instalações do Instituto Pasteur de Lisboa.

Quem, embora apressadamente, folhear estas páginas, através do prazer visual que as gravuras lhe provocam, não deixará de reconhecer as virtudes que elas documentam: um espírito de exemplar organização científica e um bom gôsto que entra e se demora nos domínios da arte. Nada foi feito pouco mais ou menos; cada pormenor integra-se num todo que funciona como um aparelho de precisão, ou melhor: como um organismo que evoluiu sob o comando de alguém que lhe consagrou a sua vida e a sua inteligência, num anseio constante de perfeição, com uma energia sem desfalecimentos.

O Instituto Pasteur de Lisboa foi fundado, em 1895, pelo sr. Virgínio Leitão Vieira dos Santos — que é, ainda, o seu proprietário — com o objectivo de dar expansão às descobertas do grande sábio francês, principalmente às vacinas e aos soros, ao tempo mal conhecidos e de difícil aquisição. Em breve foram ampliadas as instalações primitivas, criadas novas secções e consideràvelmente aumentado o seu pessoal técnico.

Hoje, o Instituto Pasteur de Lisboa possui sucursais no Pôrto, em Coimbra e em Lourenço Marques, e mantém agências na Madeira, Açôres, Angola, Guiné, S. Tomé e Príncipe e Índia Portuguesa.

Do progresso dêste organismo, onde actualmente trabalham mais de trezentos portugueses (desempenhando funções directivas quatro professores, cinco médicos e quatro diplomados em Farmácia), resultou a criação dos laboratórios de Farmacotecnia, que são dos mais completos e perfeitos, servindo de incentivo e de modêlo a várias instituïções congéneres.

É impossível descrever, em tão reduzido número de páginas, os interiores magníficos das numerosas secções de que se compõe a organização do Instituto, como sejam: a de *Farmácia*, onde se encontram para cima de seis mil especialidades nacionais e estrangeiras, contando as dezenas das que ali são produzidas, muitas das quais famosas: Belagradon, Colonol, Colerèpa, Cryptiodol, Hèpa, Laval, Lyol, Rheuma, Sais de Frutos, Sulfatiazol, Uroquinol, Vacinas, Vical, Vitaminas, etc.; a de *Material Cirúrgico e Sanitário*, do qual grande parte é fabricado pelo Instituto; a de *Veterinária* especializada na instalação de centrais leiteiras e onde abundam soros, vacinas, etc.; a de *Material de Laboratório*, com todos os apetrechos para laboratórios, autocla-

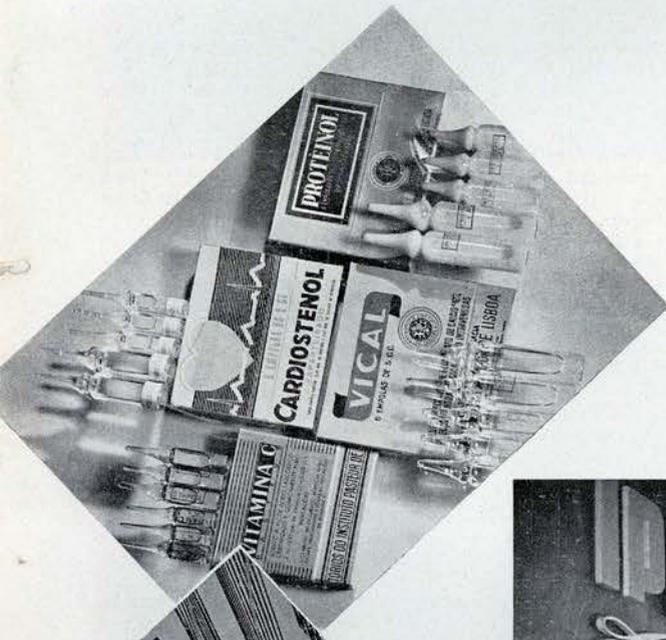
ves eléctricas e a vapor; a de *Aparelhos de Raios X,* onde se encontra todo o material da especialidade, quer de fabricação nacional quer estrangeira; a de *Representações,* com centenas das melhores especialidades estrangeiras, etc.

No *Laboratório Galénico* encontra-se a mais diversa e complicada maquinaria: um moínho perfeitíssimo, alambiques para água bi-destilada, engenhos para fabricar comprimidos e fechar empôlas, uma estufa onde são colocados, de cada vez, milhares de frascos a secar, etc.

No *Laboratório de Esterilizações* merecem ser admirados dois grandes aparelhos, únicos no País: uma autoclave de sistema especial com «controle» gráfico e capacidade suficiente para esterilizar mil e seiscentas latas de pensos, e um extractor pelo vácuo, com a capacidade de 500 litros, que é considerado a última palavra do género.

O *Laboratório de Verificação* foi igualmente montado com critério científico; nêle são diàriamente verificados, em condições que oferecem absoluta garantia, tôdas as matérias primas que entram na composição dos produtos fabricados pelo Instituto.

Os escritórios de contabilidade e expediente reflectem, em todos os pormenores, o mesmo sentido de renovação que sempre orientou, durante perto de meio século, o espírito dos dirigentes do Instituto Pasteur de Lisboa, tanto no método de trabalho, como na escôlha dos ficheiros e demais apetrechos modernos neles empregados.

Merece, finalmente, destacada referência a *Secção de Propaganda,* que tem chamado a si a colaboração de alguns dos melhores artistas gráficos, decoradores e fotógrafos do País, para os arranjos dos interiores e das montras, a realização dos cartazes e, também, das *maquetes* das embalagens, cujo bom gôsto contribuiu para que centenas de milhares de portugueses e estrangeiros prefiram as especialidades desta importante e modelar organização industrial.

Quatro Novos Escultores

por Diogo de Macedo

MARTINS CORREIA

— «Quem é o teu inimigo? É o oficial do teu ofício». E se fundássemos uma *Liga* contra êste rifão? Há trinta anos que o ando desmentindo. Desde que tenho ofício; desde que lhe quero mais do que a todos os gozos do mundo. De resto, a arte é o mais delicioso de todos os prazeres e de tôdas as angústias. Parece paradoxo, mas não é. Como a saüdade, é um «delicioso pungir de acerbos espinhos». No artista, metade do seu labor é evocação. Logo, é também saüdade.

Sempre que falo de colegas, novos ou velhos, abro o coração e fecho os olhos para melhor ver a sua obra. A evocação mistura-se-me com os sentimentos, e é tal a imparcialidade com que os recordo, que resulta em confissão. Quem me quiser conhecer, saiba o que penso dos outros!

Martins Correia é um escultor que saiu ontem da Escola de Belas Artes e procura agora completar o curso na Escola da Vida. Busca na terra, na realidade das formas humanas da gente do campo, a verdade do céu, o espiritualismo plástico das expressões humildes e religiosas. Visiona e compõe; portanto, imagina para bem, sôbre moldes de naturalismo. Muito novo ainda, mas rico de ansiedades, confunde um tanto a beleza das formas, a diversidade infinita das realidades, com o amaneirado idealista, restrito, dum estilo que só a idade lhe imporá sem que dêle se aperceba. Deseja juvenilmente e como tal ainda não realiza definitivamente. Mas quem realiza definitivamente? Só os que já realizaram tudo provisòriamente. O provisório é o esbôço do definitivo. Os artistas, inconstantes no querer e insatisfeitos no exprimir, não têm vida suficientemente extensa — porque são homens — para fixar a forma justa, matemática, do definitivo, do impecável. A perfeição em arte é adversária da certeza científica. Por isso os artistas quanto mais artistas e mais idosos são, mais moços parecem, mais incoerentes aparentam ser. A perfeição em arte queda sempre incompleta: — é o apuro de temas inquietos, que por natureza, quanto mais além vão, mais além desejam ir.

Êste Martins Correia, se se esquecer da idade que tem, ainda há-de ser mais moço, mais capaz de rebeldes ousadias. Amando o povo português, será essa a paixão que lhe ensinará a descobrir-se muitas outras virtudes, que se reflectirão na sua arte de futuro.

ANTÓNIO DUARTE

Os grandes artistas portugueses têm-se caracterizado sempre por uma visão leal, que transfigurada na tela ou na pedra, evocada em formas simples ou pomposas, aumenta de verdade sublimando-se num *idealismo naturalista*, humano e poético. De Nuno Gonçalves até Columbano, passando por Velasques, os nossos pintores foram sempre retratistas. Quando pintavam o passado distante da História, ou fantasiavam os misticismos religiosos, concebiam os heróis com a figura dos seus parentes, e os santos com a dos seus amigos. Líricos por sentimento, não podiam pintar sem amor; e para amar, buscavam na realidade a beleza física das paixões mais próximas.

Com os escultores sucedeu o mesmo. Desde as estátuas jacentes dos túmulos antigos, às imagens de altar e depois às memórias modernas dos maiores da sua Pátria, sempre a preocupação retratística, realista, lhes guiou o escôpro. Para um santo ou para um herói, procuraram tècnicamente num modêlo vivo a forma e a expressão, que lhes vivificasse as concepções mais abstractas. O artista português, sem deixar de ser imaginativo, concebe dentro da vida, arrancando de si as qualidades que quere no semelhante. É generoso e positivo.

António Duarte nasceu retratista. Vê em síntese quanto a Natureza lhe revela sem embustes, mas com inúmeras mutações expressionais. Estudante ainda na Escola de Belas Artes, olha para os clássicos e desconfia deles. Prefere o *classicismo do natural*, isto é, a verdade virgem sem outras regras que não sejam as da eterna classe humana. Sonda o interior dos modelos e busca reproduzi-lo num exterior simplificado, que pode redundar por preocupações técnicas, num convencionalismo decorativo. É característica própria da sua geração essa tendência para o estilo, para o decorativismo; mas como os moços são educados no culto do individualismo, na emancipação dos sistemas, e como por dom da raça são fiéis à verdade vital que sentem e os inspira, serão por fatalidade comovidos tradutores de quanto seus olhos desvendam e suas hábeis mãos idealizam com precauções, não vão fantasiar demais a beleza pura e fascinante.

António Duarte busca nos retratos dos intelectuais um sentido particular da raça, caracterizando nas suas formas o espírito escolhido de quanto reside misteriosamente no tipo português.

JOÃO FRAGOSO

O artista sem biografia, sem pecado de aventuras nem vaidade de categorias, é raro. Por instinto é escravo das ilusões, complica-se e logo nos primeiros passos do estudo faz do sonho um trapézio para saltos arriscados. Depois a cultura completa a deleitosa variedade do jôgo, atirando-lhe com as inquietações para os diabólicos sofrimentos. Por isto mesmo todos os artistas são atormentados amorosos. Viajam sempre em cata duma verdade que justifique aquela que nasceu com eles. Com ou sem excessos de fantasia, não estão contentes senão efèmeramente. Em cada obra se descobrem e se explicam, convencidos de que explicam uma descoberta no além de si. Se assim não fôsse, a ilusão não seria o seu mais salutar estímulo e a causa dos seus progressos. Ai do artista que cedo calcula a fôrça das realidades! Atrofia-se na insuficiência.

João Fragoso, como bom estudante que é na Escola de Belas Artes, a-pesar de como todos os seus colegas já haver conquistado prémios e medalhas nas exposições públicas — os novos hoje nascem muito mais cedo do que parece! —, não tem ainda a desgraça de ter biografia. Estuda, deseja, progride, mas domina as tentações. Vê e perscruta quanto examina, para cautelosamente fazer vibrar as obras que cria, os retratos que faz falar sem pretenções, e combinar o seu sentimento plástico com o sentimento simples, natural, mas vitorioso, do seu sonho prestes a fugir às disciplinas. Forte de músculos e voluntarioso por índole, domina-se e não cede a extravagâncias, tão comuns em artistas da sua idade. Sabe esperar, confia na certeza do tempo, medita na linguagem de expressão que deseja dar à sua arte, e amando o dinamismo da vida, vai-se treinando para a maratona tão perigosa quão ambicionada.

João Fragoso não procura precoces formas de originalidade. Crê nos encantos que a Natureza sugere, segue com virilidade os seus conselhos, mas também não renega a experiência dos clássicos. Compreende a função dos museus, como compreende a graça e a fôrça das novidades que o seu temperamento reproduz. Sendo a arte do retrato uma das mais complexas e difíceis, é notável a tentação nos novos escultores em resolver num simples busto tôda a psicologia e carácter do indivíduo, tema muito mais incompreensível e caprichoso do que o bloco da colectividade.

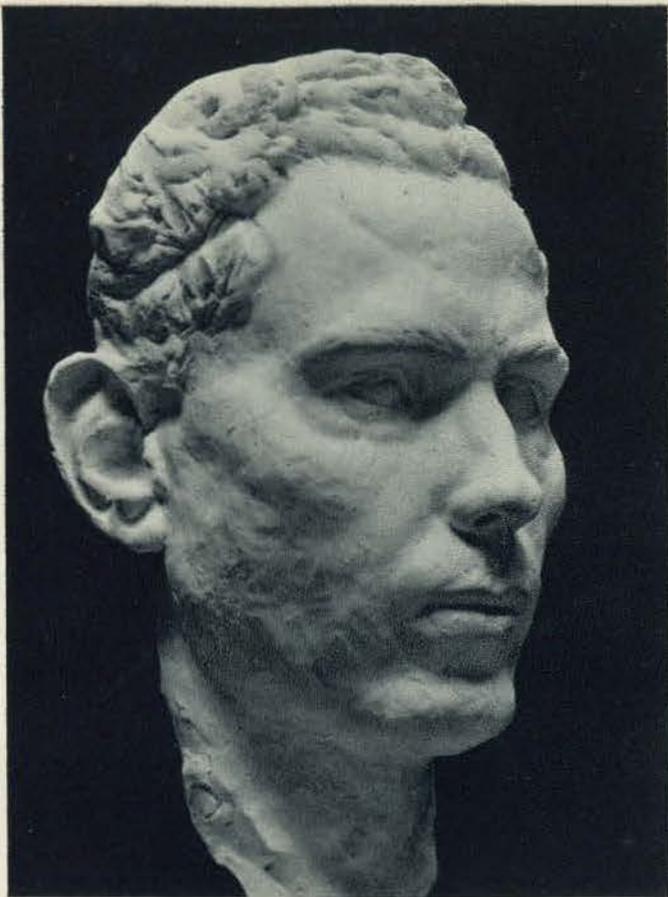
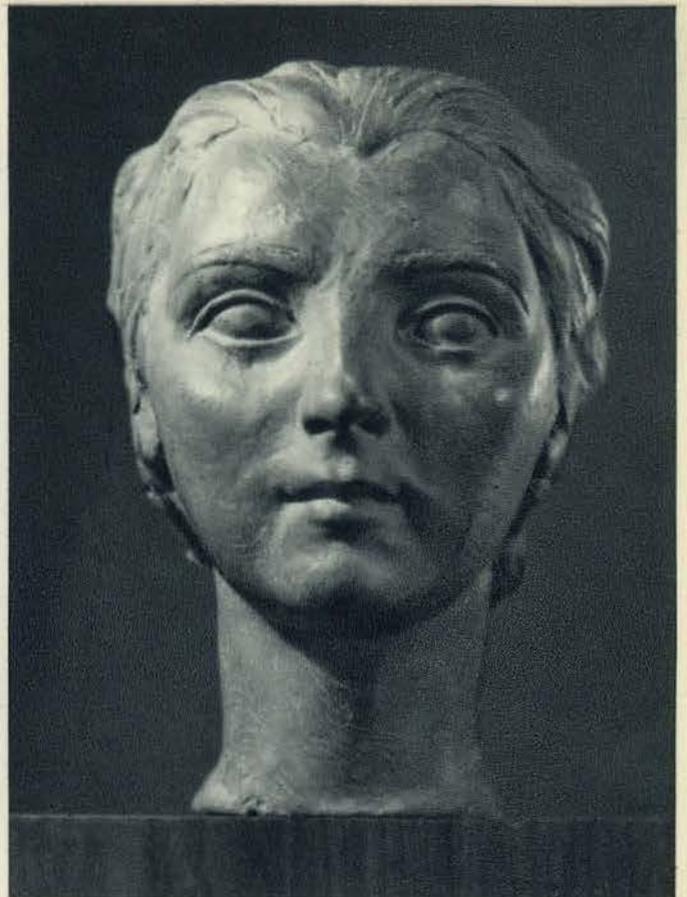
ÁLVARO DE BRÉE

É próprio dos velhos observarem os novos com curiosidade. Quantas vezes me miro e revejo, com saüdades ou com sorrisos, nas novidades dos meus camaradas mais jóvens! Então, com remorsos de velho, admiro-os.

Um dia, em Paris, no terraço de um Café, fui abordado por um rapaz português, que dizendo-se inexperiente, me pediu conselho sôbre qual artista devia procurar para lhe ensinar a difícil arte de escultura. Guiei-o para o Louvre. Citei-lhe dois ou três nomes, e fugi envergonhado por ser mais velho do que êle. Era *Álvaro de Brée*. Soube depois que escolhera dois daqueles escultores que lhe indiquei, fôra seu discípulo, aprendera alguns segredos do seu ofício, e por fim, aceitara também outro conselho meu: alugar um ateliê, olhar para a vida e aprender com o barro. Hoje já não tenho vergonha de ter sido mais velho do que êle!

Sem compromissos com cartas de curso, confiado nos dotes dos seus jeitos profissionais, e penetrando nas sensações plásticas dos mestres livres, Álvaro de Brée formou-se isoladamente. A prova incontestável dessa formatura deu-no-la num busto de seu Pai, exposto há tempos e que produziu espanto entre os oficiais do mesmo ofício. Êsse espanto, essa admiração, deve ser a razão mais convincente para a fundação da *Liga* que propuz ao iniciar estas laudas. Êsse retrato modelado com vinte valores, valeu as suas viagens por museus, por academias de Montparnasse, pelas ambições próprias e para honra da sua geração.

Com artistas como estes, cuja presença me incumbiram de chamar aqui, está explicada a preferência do Estado português em neles buscar a representação do gôsto moderno em certâmenes internacionais ou nacionais. Do mesmo modo e com os mesmos fins emulativos, nesta revista se compreende, antes dos louvores aos consagrados, a revelação de obras suas e a apresentação dos seus nomes. Não se trata de vulgares esperanças, mas sim de afirmações com suficientes provas dadas.

A escultura, através de todos os séculos, foi sempre e será eternamente, a arte glorificadora dos deuses, dos homens e dos ideais. Da terra brotou — da greda, da pedra e da madeira —, para fixar os deslumbramentos do amor e para ascender à glória dos altares. A escultura é uma prece da matéria ao espírito; da terra ao céu, como uma chama votiva. Do homem para Deus!

António Duarte

João Fragoso

Álvaro de Brée

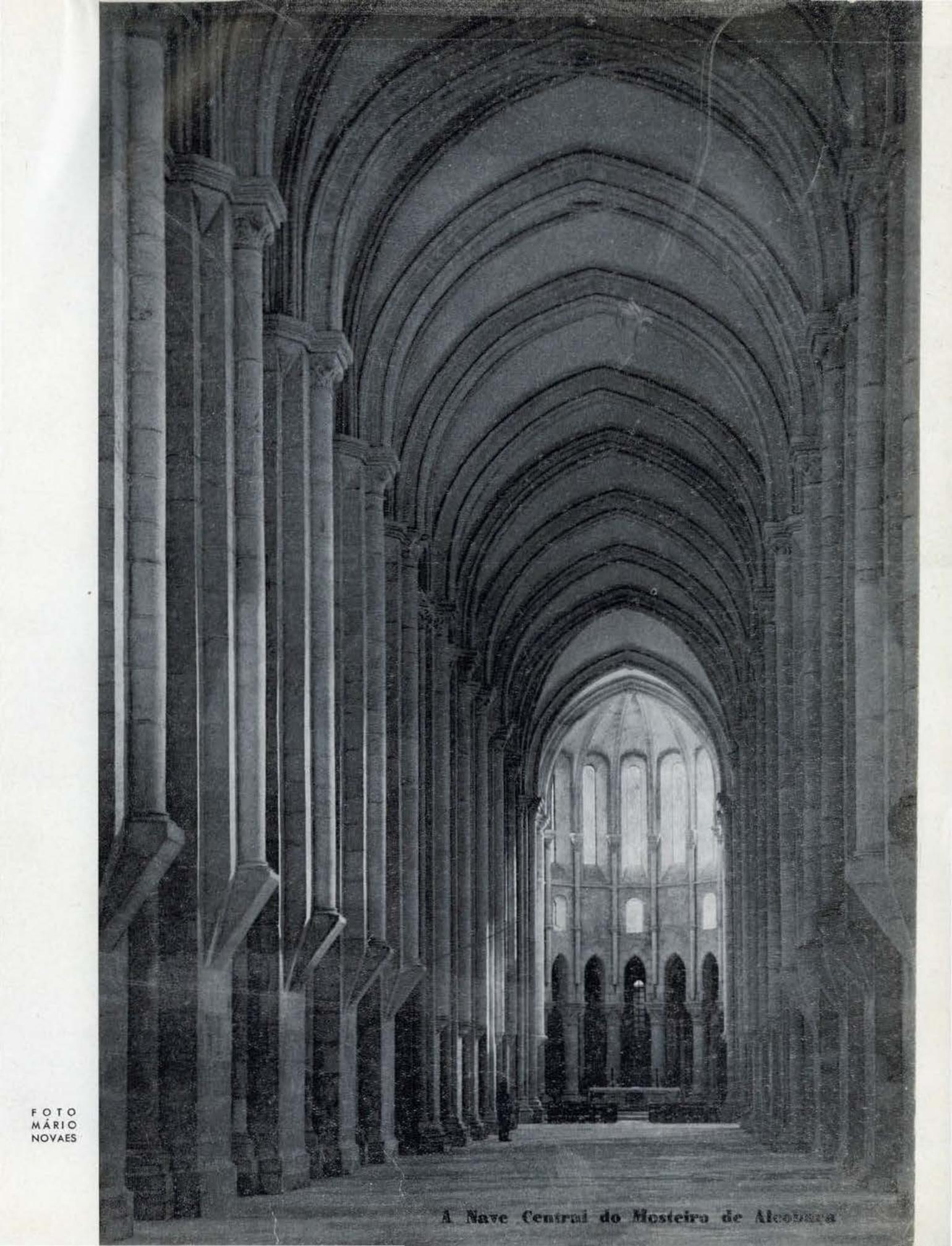
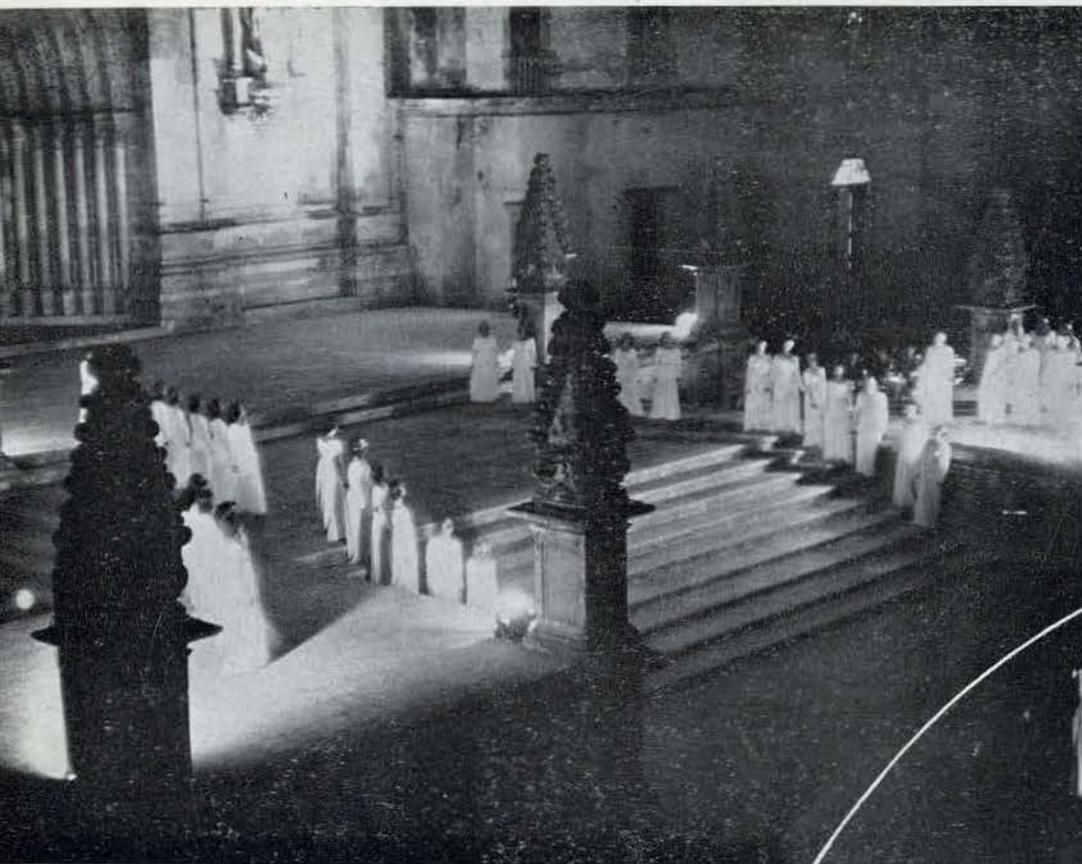
Martins Correia

A Nave Central do Mosteiro de Alcobaça

FOTO
MÁRIO
NOVAES

Uma das cenas culminantes da Castro: «*Estavas, linda Inês, posta em sossêgo*». — Em baixo: *A cena de* Mofina Mendes: «*Recordai, pastores! Nasceu em terras de Judá um Deus só que vos salvará*»

OS ESPECTÁCULOS **DE ALCOBAÇA**

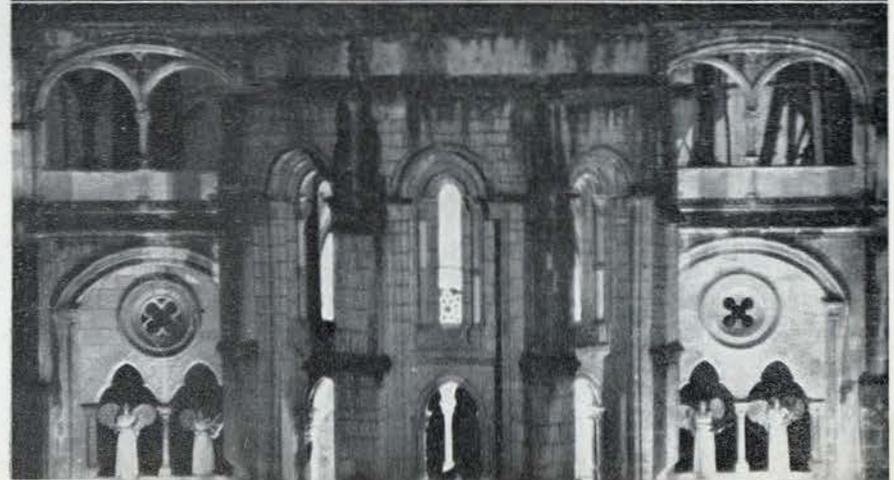
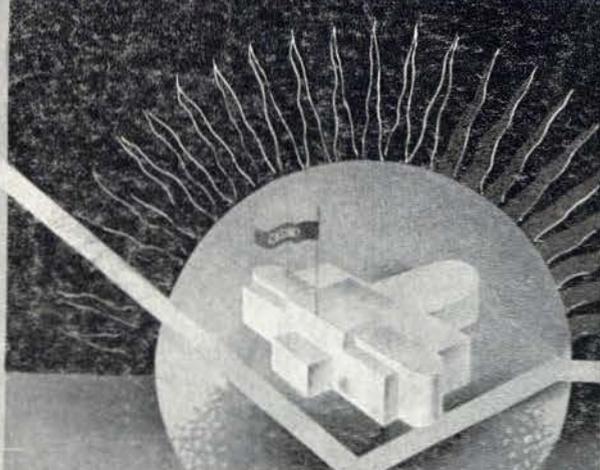
CONFESSO o meu embaraço ao ceder ao amável convite do *Panorama* para escrever as breves linhas que acompanham as fotografias dos dois maravilhosos espectáculos de Alcobaça. Não tenho dons de escritor; apenas sei representar (sem nenhuma espécie de confiança nos meus méritos, devo acrescentar). Mas, como de teatro se trata, venço a minha timidês para lhes tentar dar algumas impressões (impressões de intérprete, já se vê), sôbre os espectáculos, que foram, sem dúvida, a mais alta expressão teatral alcançada e criada no actual Teatro Português.

Permita-se-me ainda que comece por inscrever aqui, desde já, os nomes de Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro. Não lhes sei dizer até que ponto todos nós, actores, devemos agradecer a êstes dois artistas, que numa isenção admirável, animados duma fé invulgar nestes tempos dominados por princípios tão materialistas, ergueram, para consolação espiritual de nós todos, (incluo o público e os intérpretes, pois acho que o verdadeiro espectáculo de teatro resulta e vive da ligação dêstes dois elementos) ergueram, dizia, no Cláustro e na fachada do Mosteiro as linhas puríssimas da *Mofina Mendes*, e a profundidade trágica e serêna da *Castro*. O cuidado de «estilo» dessas duas representações afigura-se-me perfeito de ritmo, de compreensão e de unidade. Na *Mofina*, tôda a parte litúrgica foi

Outros momentos da Castro *e da* Mofina Mendes, *corajosa e admirável encenação de Amélia Rey Colaço.* — Fotos C. Vinagre

erguida em linhas hieráticas, puríssimas, que eram as que mais convinham à representação. Houve momentos — a aparição e fala do Anjo à Virgem, por exemplo — em que o quadro criado pelas figuras, pela suavidade da luz e pelo maravilhoso friso dos Anjos, nos deu, duma maneira nítida e impressionante, o colorido, a pureza, a magnitude espiritual dos «primitivos» italianos. Tôda a acção Pastoril foi deliciosamente dada nos terreiros rodeados de buxo que ladeavam o corpo do Cláustro, onde se desenvolvia a acção religiosa. A unidade admirável do *Auto de Gil Vicente* reside naquilo que a muitos não parecerá unidade. Puro engano de quem assim pensar. Gil Vicente criou dois valores: o litúrgico e o pastoril — e dêsses dois valores, aparentemente desligados, nasce a coesão, a fôrça e a graça total do espectáculo. Segredos que só o génio sabe.

A *Castro* viveu, amou e morreu, e todos nós sofremos, vivemos e morremos com ela. A única tragédia que possuímos, teve na inspiração de Amélia Rey Colaço a mais justa, a mais séria, a mais emocionante realizadora e intérprete. Não sei ainda afastar de mim a comoção que o espectáculo ergueu e que pairou, viveu, quási se materializou no espírito de quantos a êle assistiram. Difícil é pormenorizar esta ou aquela passagem, êste ou aquele efeito. O espectáculo ergueu-se, como um ser humano, gigantesco, perfeito, que nos subjugou, que nos comandou, que nos conduziu, e que só nos deixou no fim, vencidos, mas com a fôrça suficiente para agradecer e para chorar.

Amélia Rey Colaço, a quem devo o pouco que sou, (Amélia Rey Colaço vale um Conservatório de Teatro), abriu de há muito um largo crédito na confiança de todos nós. Só lhe pedimos que não pare, que não desista, que continue a sua caminhada. Ao *Sonho de uma noite de verão*, à *Castro* e à *Mofina*, outros espectáculos se vão seguir; e eu peço a todos, sobretudo aos rapazes e às raparigas, que não tenham vergonha de gostar do bom Teatro. Continuem a não ir aos maus espectáculos, pois a vossa ausência será benéfica; mas, quando lerem que um espectáculo daquêles a que me referi vai surgir, não hesitem — façam um pequeno intervalo à Greta Garbo, ao Mickey Rooney e ao Clark Gable — e venham ver êstes obreiros da emoção viva que são os actores de Teatro, dêem-se-lhes um pouco, e verão que não se arrependem. Acreditem que lhes falo verdade. O velho e môço Teatro de Sofocles, de Molière, de Shakespeare, de Bernard Shaw, de Gil Vicente, de Cromelynk, nunca mente. É generoso e há-de dar-lhes tudo o que vocês lhe pedirem.

JOÃO VILLARET

CONSCIÊNCIA DA PUBLICIDADE

por Cândido Costa Pinto

O valor da publicidade comercial é realidade assente e indiscutível. O comerciante moderno considera-o fundamental, por experiência, no êxito das suas vendas, e reserva para campanhas publicitárias uma verba e um cuidado atento.

Um produto ignorado não pode ser vendido. Mais ainda: nos bons tempos de outrora esperava-se que o comprador revelasse espontaneamente as suas necessidades e preferências, baixando até ao vendedor; hoje, o comerciante procura, antecipando-se, descobrir-lhas, e levar-lhas ao conhecimento por meio da publicidade.

Mas não é tudo. *A publicidade combate a rotina.*

Com o caminhar da idade vai-se acentuando na natureza humana uma viciosa propensão para se repetir acomodatìciamente o que precedentemente se fez, para se estagnar em preconcebidos hábitos de vida e de compra. Assim se perde de vista a evolução da Indústria, do Comércio e também, a certos respeitos, da Ciência, pelas quais as condições de vida, os produtos e os preços têm melhoria.

A publicidade combate eficazmente esta lamentável propensão para a rotina, estimulando os homens a uma constante adaptação às novas conquistas, a uma melhoria incessante da sua vida.

Na realidade, a par da sua acção comercial, particularmente interessada, a publicidade reflecte-se ao mesmo tempo como elemento de acção social. Gibbs, por exemplo, o célebre fabricante francês de dentifrícios, expandindo a fórmula «Lavez vos dents comme vos mains», fez imenso pela higiene do mundo. E foi a publicidade *do material* de Campismo, enaltecendo as vantagens da vida ao ar-livre, mais do que a sua literatura, que decidiu resolutamente as populações citadinas a aproximarem-se dos benefícios da Natureza. Os exemplos sucedem-se.

Porém, os resultados da publicidade dependem da sua qualidade. *Não basta anunciar, é preciso anunciar bem.* Por várias razões.

Enquanto a boa publicidade exerce uma acção cultural apreciável, a publicidade medíocre além de pouco render, ou mesmo prejudicar o anunciante — quantas vezes isto sucede! — influi nefastamente no público, essa entidade da qual dependem, não só a evolução geral do comércio, (e dos outros domínios com êle relacionados), mas também, em grande parte, a própria civilização dum país.

Se a primeira concretiza intuïções, desenvolve a inteligência, refina o gôsto, *civiliza*, a segunda exerce, provadamente, uma acção de embotamento com o qual ninguém e nada pode lucrar. Basta uma curta reflexão para se notar que isto não é *teoria*.

Por conseguinte, ao anunciar, todo o indivíduo contrai, automàticamente, uma dupla responsabilidade: relativamente a si-mesmo, comercialmente considerado, e relativamente à colectividade a que pertence.

Aliás, a publicidade é índice preciso da categoria mental de quem a faz e de quem a aceita. Por ela se avalia a cultura dum povo, constituindo, portanto, implìcitamente, factor de propaganda, prestigiante, ou não, duma nação no mundo.

Esta projecção indirecta da publicidade, embora à margem da sua finalidade comercial particular (que é vender determinado produto) é também comercial e prende-se com o interêsse de todos: joga a reputação do próprio país. Tal facto tem merecido a maior ponderação.

Estas poucas considerações bastam para pôr em evidência ser a publicidade uma actividade séria, e relacionada com responsabilidades de ordem vária. O seu considerável desenvolvimento nos tempos modernos, sempre assistido pela prática comercial, representa vasta e sólida experiência; experiência que afastou êrros, depurou critérios, estabeleceu princípios, condensou abundante material de cultura — ao ponto de haver hoje longos cursos, quási universitários, de publicidade.

Por isso, da base desta interessantíssima manifestação do espírito humano e comercial, ergue-se hoje um núcleo de exigências absolutamente legítimas, uma verdadeira consciência, *consciência da publicidade*, à qual devem sujeitar-se, para bem de todos, os empreendimentos publicitários.

Não só o interêsse comercial, o simples bom-senso comum reprova a má publicidade. Ora um trabalho de publicidade não pode ser realizado com segurança por um «habilidoso» aparecido de um dia para o outro. É por a benevolência de muitos anunciantes aceder a aceitar a colaboração de alguns dêstes «habilidosos», que a má publicidade aparece. É humano, mas não é sensato. Um mero «habilidoso», improvisado, não dispõe, naturalmente, de recursos, nem de amadurecimento para levar a efeito publicidade categorizada.

Um técnico autêntico de publicidade é um especializado que, como qualquer especializado — um médico, um arquitecto, um engenheiro — se submeteu a uma cultura assídua e sempre actualizada da sua especialidade, pelo estudo de livros e revistas técnicas, pela reflexão sôbre problemas profissionais, pela compreensão cada vez mais lúcida do homem e do meio social em evolução. Os maiores artistas técnicos do mundo são homens de cultura geral vastíssima, e principalmente grandes psicólogos. Isso lhes permite penetrarem argutamente no público, para sôbre êle exercerem a «acção comercial» que é princípio e fim de tôda a publicidade.

Portugal dispõi, como poucos países, de grandes artistas desta especialidade. E reprovável, portanto, o aparecimento de anúncios vergonhosos. A publicidade é, primordialmente, uma questão comercial, mas é também uma questão de consciência — e de brio...

Nem sempre a paisagem portuguesa é amena e viçosa. Em muitas regiões — como nesta, da Beira Baixa — o homem tem de lutar com a terra, pouco generosa e áspera. O que, no entanto, confirma a extraordinária variedade geomorfológica do nosso continente, sem prejuízo do pitoresco

Foto António Parra

MILY POSSOZ, desenhadora de finíssima sensibilidade, é um nome tão familiar entre nós como em Paris, onde viveu longos anos. Os seus trabalhos sôbre motivos portugueses correram mundo, em revistas e livros ilustrados, e enriquecem as colecções de numerosos amadores de arte moderna. Com a publicação destas gravuras — «São Pedro de Sintra» — rendemos homenagem á grande artista, que actualmente reside em Portugal.

Fábulas e Parábolas de Turismo

★ ★ ★

Parábola das Andorinhas que se enfeitavam com penas de Arara

No tempo em que os animais falavam, duma vez, a passarada reüniu-se numa grande assembléia, para tratar de assuntos muito importantes e respeitantes à sua vida e privilégios.

Já o bicho-homem saía das cavernas, com fundas e outras armas de arremêsso para ferir e abater algumas delas e — segundo afirmavam testemunhas idóneas — cevar apetites em suas carnes tenras. Outrossim — murmurava-se a bico pequeno — as crias dêsse bicho nefasto, sem oposição dos pais e antes com seu aplauso, gatinhavam pelos arvoredos, para atingir as ramadas mais altas, e dali roubar ninhos e ovos. Enfim, havia que enfrentar êsses perigos e tomar providências. E a vasta assembléia dos plumídeos de todo o mundo, sob a presidência duma imponente Águia Real (as águias, até essa altura, haviam sido mansas como cordeiros) sôbre tão condenáveis actos ponderou e se pronunciou. Tinham vindo para ela, dos quatro cantos da terra, delegações de aves, das mais estranhas e variadas — pingüins peludinhos e rasteiros das regiões da Branca Neve; os condores das altas cordilheiras; as gaivotas que já cruzavam os mares desconhecidos; os avestruzes que profundamente impressionaram tôda a sociedade por seu tamanho e bizarria; e além dêles, e entre outros, os bandos bonitos dos habitantes dos bosques tropicais,de plumagens de mil côres.

Naquele parlamento e naquela reünião magna, postas as coisas em seus devidos termos, e tendo-se reconhecido que o homem usava de fôrças contra as quais não havia resistência, uma deliberação final, e triste, se tomou — a deliberação de tôdas as vítimas indefesas:

— Tudo as aves suportariam em silêncio. Calar-se-iam. (Foi desde essa ocasião que as aves, e depois os outros animais, sendo maltratados pelo bicho-homem, senhor de fôrças mais brutas e de palavras mais rudes, se calaram para todo o sempre). Mas nem por isso deixariam, de, com outras vozes e por quanto modo houvessem, louvar o Senhor, que lhes tinha dado a graça da vida, para ser gozada, por êles, como até então, em Paz.

A decisão, deve dizer-se, não foi tomada por unanimidade. O presidente e o grupo seu, dilecto, dos pássaros de prêsa e de rapina, pretendiam que se declarasse a guerra aos homens. Fôrça contra fôrça! Ardil contra ardil! Se os meninos assaltavam faia ou penha onde ninhos houvesse, vazar-se-iam, à bicada, os olhos dos meninos. Se, com seta ou pedra, qualquer filho de orangotango tombasse rola mansa no seu vôo, as águias e os condores, em resposta, desceriam como raios sôbre seus crianços, e os arrebatariam nas garras, para lhes comer, depois e também, as entranhas. Ôlho por ôlho! Dente por dente!

Mas não vingaram tais propostas, pois tirante essa minoria, as aves do Senhor são doces e calmas de sua natureza. São animais pacíficos. Basta lembrar que, na ocasião em que as águas cobriam a terra, e na arca do Senhor Patriarca Noé, vogavam com êle os bichos, aos casais para se poder continuar o Mundo, foi precisamente uma delas, uma pomba, que partiu e trouxe no bico, para Redenção da Vida, o ramo da Paz.

— Em Paz continuariam, pois, a viver — deliberou o resto da assembleia. E continuariam a exaltar, fôsse de que maneira fôsse, o nome do Senhor.

Levantaram seu vôo rumoroso as águias, os condores e quantos mais passarões com êles concordavam. E retomando a sua liberdade de acção (que as aves foram sempre livres) abandonaram o prélio.

As que ficaram, empoleiradas nos ramos, ou saltitando na terra fresca da floresta, onde se tinham juntado, aproveitaram suas últimas falas para concertar forma de seus futuros e constantes louvores ao Criador do Céu, e da Terra, e de todos os bichos, mesmo dos homens adversos.

E foi então, que de entre várias proposições, uma surgiu — a que vem a propósito e constitue matéria desta parábola — de muito aplauso, dado sobretudo pelos chilreios entusiásticos da passarada miúda.

— Porque a vida era uma delícia, quando brilhava o Sol de Primavera, e o céu tinha tons dum azul sem par, e dos campos subia o aroma das seivas, nesses dias de festa as aves, e, dessas, as que melhor o soubessem e pudessem fazer, bailariam e cantariam no ar, em preito e agradecimento a Deus.

E logo ali foi resolvido formar, para êsse efeito, como rancho de honra, o Rancho das Andorinhas. E logo se criou, também, para as acompanhar, nesses dias luminosos de claro Sol e claro Azul, a Orquestra dos Tentilhões. O Melro, a Cotovia, o Pintassilgo, e outras aves-poetas dos países da Eterna Primavera

entreteceriam os versos—êles lhes dariam as rimas de seus cantares. Dos compassos da música incumbiu-se, depois de muito rogado, o músico maior: o Rouxinol.

Sucedeu, porém, que estando os passarinhos nestas suas combinações, um passarôco — o Papagaio — já então muito palrador e macaqueador, meteu bedelho na conversa. Aventou êle que as andorinhas, não havia dúvida, eram capazes de bailar como aves nenhumas, e o seu rancho seria o melhor de todos... Mas...

(Parece que foi, por esta adversativa idiota, que o Senhor condenou o Papagaio a continuar a falar como os homens, para como êles dizer — e fazer — muita asneira).

— ...Mas, não tem plumagem capaz!

E, lembrando-se e olhando para aves de sua família, que estavam perto, a ralhar, muito bonitas, mas muito parvas — as Araras — insinuou:

— Acho que, para terem luzimento maior em seus volteios, mais campavam se puzessem pênas de Arara.

A asneira, já nesse tempo — o tempo em que os animais falavam — tinha o condão especial, precisamente por ser fala de parvos, de encantar os simples e as multidões. Além disso, as andorinhas, porque eram — como todos os animais — um bocadinho vaidosas, logo estiveram pelos ajustes. Era o Dr. Papagaio que o dizia...

E porque não houve discrepâncias, e o resto da humilde passarada se deixou contagiar pela parvoice, arranjaram as andorinhas plumagens estapafurdias para o seu Rancho.

Assim, durante muitos e muitos séculos, sirandaram, pelos finos céus de Abril e de Maio, em louvores a Deus, vestidinhas com penas de arara.

Mas tôdas aquelas bizarras galas não quadravam bem a suas gentilezas. Aqueles toucas vermelhuscas e irritantes, aqueles balandraus de azas verdes e azues, aquelas caudas em arco, muito complicadas, pareciam entorpecer-lhes os movimentos, de sua condição tão airosos e lestos. Ficavam desajeitadas, como se araras fôssem.

Agradavam, é certo, ao Dr. Papagaio, aos passarôcos de sua família, e aos seus amigos, que só gostavam, claro está, de papagaiadas e ararices. Mas desagradavam a quantos, um dia, tinham visto andorinhas bailar os seus bailados naturais. E desagradavam, e até ofendiam — aqui para nós — ao próprio Senhor, a quem devotavam, no fundo, êsse tributo de graça e gratidão.

Por via disto, e talvez por êsse bicho ter dêsse facto conhecimento, pois consta que em profundas e noturnas meditações estabelece contacto com os mistérios da ciência divina, é que um dia o Mocho, ave de nenhumas ou poucas falas, abriu excepcionalmente o bico para lhes dizer:

— Mas porque andais assim, emplumadas com falsas plumas, nos vossos volteios? Não vos bastam as que Deus vos deu, que tão simples e tão lindas são? Deixai às araras as penas com que se enfeitam, pois decerto as possuem para suprir outras belezas que em vós sobram. Acaso elas dançam tão bem e tão bem chilreiam como as andorinhas? Nunca. Pois então, faça cada qual como sabe e pode, com o que a Natureza lhe pôs ao alcance, que desde que o faça com vontade e naturalidade, mais não pretende o Senhor de seu serviço, e com isso tem contentamento.

E disse.

Desde então, despojadas daquelas plumagens estranhas, nunca mais as andorinhas dançaram e cantaram, que não fôssem vestidas com suas próprias e discretas cores, com seus peitilhinhos da pureza e da brancura das neves, suas asas finas de veludo prêto, suas caudas leves como leves lemes de barcos alados.

Bailarinas do Céu, ainda assim as vemos e veremos sempre, nas manhãs e nas tardes primaveris, cruzando-se em rondas, em gritos festivos, em geitos de graça, bemdizendo o Senhor.

....

Onde estará o Mocho de tão ponderadas e acatadas falas, que leve os ranchos das moças-andorinhas da Terra Portuguesa, tão donairosas, a despojar-se das vestes falsas com que se vestem, para seus folguedos? À mão têm elas, para engalanarse, fatos das suas regiões, maneirinhos, floridos, naturalmente, como jardins — aqui um coletinho de veludo, além um saio de baetilha vermelha, acolá um chapéu com uma pena de verdegaio na fita, mais umas rendas, mais uns fitilhos, mais sete laços...

Para que hão-de as raparigas dançarinas e cantarinas de Portugal, a conselho de certos Papagaios, agrupar-se em ranchos, vestidas como coristas-araras do Parque Mayer?

AUGUSTO PINTO

Praias portuguesas...

O Outono chegou. Olhar para o mar faz arrepios. O vento sopra forte, encarquilha a superfície das águas, levanta nuvens de areia, e modela no céu densas e ameaçadoras esculturas. Transidos de frio, os banhistas fazem as malas e regressam às cidades...

— Se assim é, transposto já o limite do Verão, a que propósito vêm aqui estas palavras e gravuras consagradas às praias?

É que se trata de praias portuguesas, e não das que orlam o litoral da maioria dos outros países, onde, sim, um artigo como êste, publicado nesta altura numa revista como esta, seria anacrónico e insólito. No nosso caso, nem será, sequer, um esfôrço de boa vontade. Quando verificámos que o Verão ia terminar e que, nos três números de «Panorama», tão poucas páginas dedicámos às nossas *estações balneares*, o primeiro rebate de consciência foi o de nos acusarmos de grave injustiça.

Vieram, depois, as razões ponderáveis: as praias quási não têm conta, o número de páginas é limitado, os assuntos são variadíssimos... Nem isto, afinal, seria necessário.

Interessante, era podermos dizer isto: — «Panorama» é das poucas revistas que há no mundo que pode, turìsticamente, falar de praias durante, pelo menos, oito meses no ano, sem fazer espirrar os leitores ou provocar-lhes arrepios.

E nós podemos dizer isto. Não por êste país ser o nosso, e ser nosso dever valorizar o que nos pertence, mas porque o nosso clima nos permite êste luxo — sem o ridículo de exibi-lo.

Praias de Primavera, praias de Verão, praias de Outono... Eis uma classificação a tentar, subordinando-a às condições climáticas e terapêuticas das várias zonas do litoral. Contudo, não seria tão fácil quanto parece. Não só porque possuímos praias chamadas de Inverno (e é certo não ser raro verem-se nelas, durante os meses dessa estação, banhistas que estão longe de aspirar a pneumonias ou a gripes), mas ainda porque seria forçado restringir a três meses o tempo aconselhável para freqüentar muitas praias onde o clima e o mar são praticáveis durante quási todo o ano.

Já no capítulo em que êste assunto é tratado — e muito bem — no primeiro volume do «Guia de Portugal», escreveu Raúl Proença, depois de agrupar algumas das nossas estações da beira-mar segundo o maior ou menor grau de elegância ou *mundanidade* dos seus freqüentadores habituais: — «Muitos outros sistemas de classificação prática admitiriam as praias do país, conforme o ponto de vista terapêutico, ou higiénico, ou desportivo, ou paisagístico, ou económico, que se tomasse como critério de comparação». Mas não adoptou nenhum em especial. Nem o climático. E logo se compreende as fortes razões que teve para isso, quando, no mesmo artigo, disse o seguinte: — «É nas praias do sul, como é óbvio, que a água atinge uma temperatura mais elevada; nota-se, porém, a circunstância notável de essa temperatura ser mais alta, durante o verão e, sobretudo, o outono, nas praias do norte (Minho e Beira Litoral) que nas da Estremadura: Deve-se isto à influência da corrente do Gôlfo, que durante essa quadra do ano se dirige do norte para o sul. As condições de salinidade do ar também diferem muito de praia para praia, conforme a sua exposição e natureza topográfica».

Daí, o acharmos preferível, apenas como ponto de referência no espaço, uma classificação genérica, subordinada à divisão convencional do país em três zonas: norte, centro e sul.

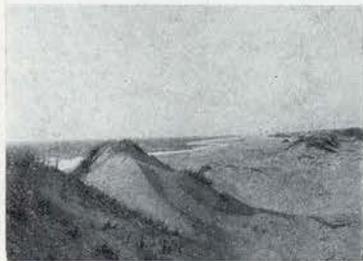
É evidente que não poderíamos reproduzir, em três páginas da nossa revista, mais do que simples aspectos de *algumas* praias da metrópole. Para tôdas — com o justo desenvolvimento — nem um número especial chegaria. No entanto, o nosso «desejo de agradar a todos» tem, exactamente, as proporções do nosso «dever de agradar a todos». Porque *agradar*, aqui, significa: cumprir, honestamente, a nossa missão.

Uma coisa vem a propósito: estender aos particulares um pedido endereçado, no nosso primeiro número, aos organismos oficiais: — que nos enviem a maior quantidade possível de elementos (principalmente documentação fotográfica) que nos permitam revelar ou divulgar aspectos menos conhecidos — e nem por isso menos belos — da nossa paisagem, dos nossos costumes, da nossa arte culta e popular.

Quantos trechos magníficos existem na nossa beira-mar, de que ainda não se logrou obter reproduções publicáveis! Quantas praias de primeira ordem, tão pitorescas e fotogénicas, aguardam as objectivas de bons fotógrafos!

— Moledo do Minho, São Pedro de Muel, Miramar, Aguda, Costa Nova do Prado, Torreira, Pedrógão, Sines, Vila Nova de Mil Fontes, Monte Gordo... quantas!

Mas «Panorama» continua.

...Praias de tôdas as estações

APÚLIA — A 9 quilómetros de Esposende. Serenidade e pitoresco. Mar excelente. Dunas de caprichoso recorte, que convidam ao repouso. É, como Moledo do Minho — sob êste aspecto — das mais características do Norte.

VIANA DO CASTELO — (Vista de Santa Luzía). Panoramas assombrosos. Clima incomparável. Lindas praias: a do Cabedelo e a Praia-Norte. Grande zôna turística.

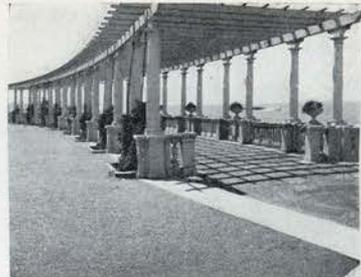
FURADOURO — À beleza da paisagem alia-se o interêsse da faina e dos costumes dos pescadores. Vida simples e repousante.

FIGUEIRA DA FOZ — População cosmopolita. Praia soberba. Casinos e hotéis de primeira ordem. Festas constantes.

VILA DO CONDE — Mar, campo, rio. Esplêndido serviço de combóios. Boas estradas. Notáveis monumentos. Hotéis.

ESPINHO — A 15 quilómetros do Pôrto. Vila moderna. Vasto areal. Numerosas diversões. População animada. Vários Cafés.

PÓVOA DE VARZIM — Uma estância completa de turismo. Casino e hotéis modernos. Centro de inesquecíveis excursões.

PRAIA DA ÂNCORA — (O poético «Moínho de Lira»). Extenso e luminoso areal. Admiráveis monumentos históricos.

SÃO JOÃO DA FOZ — Em poucos minutos alcança-se, na capital do Norte, esta praia, calma e muito bem freqüentada. Carreiras de «eléctricos».

GRANJA — A mais romântica do País. Luz de sonho. Pertíssima de Espinho, Aguda e Miramar. Vilegiatura elegante e divertida. Piscina. Festas freqüentes na Assembleia.

MATOZINHOS — Também a breves quilómetros do Pôrto e vizinha de Leça da Palmeira. Muito concorrida e agradável.

ERICEIRA — Forte e magnífica salinidade. Vila curiosa. Famosos viveiros de lagostas. Carreiras constantes de camionetas.

ESTORIL — A praia que rivaliza com as mais belas e civilizadas da Europa. Intensa vida mundana. Todos os desportos e divertimentos. Inúmeros hotéis e pensões.

PORTINHO DA ARRÁBIDA — Uma visão do Paraíso. Calma, frescura e luminosidade inefáveis. Carreiras de camionetas.

CASCAIS — («Bôca do Inferno»). Panoramas grandiosos. Óptima praia de banhos. Casas de Chá. Freqüência aristocrática.

PRAIA DAS MAÇÃS — Mar forte e nada perigoso. Clima excelente para crianças. Vida tranqüila e aprazível. Vastos e espêssos pinhais. Arredores lindíssimos.

CAPARICA — Maravilhoso areal a perder de vista. Poentes edénicos. Temperatura deliciosa. Vida repousante e económica.

SESIMBRA — Muito acessível e recomendável para crianças. Vistas encantadoras. Mar brando, de cristalina transparência.

PRAIA DE SANTA CRUZ — O célebre «Penedo do Guincho», que domina êste pitoresco e freqüentadíssimo trecho da costa estremenha.

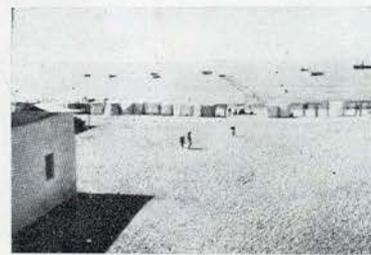
SÃO MARTINHO DO PÔRTO — A praia das crianças e dos artistas. Temperatura ideal. Paisagem lírica, sereníssima.

NAZARÉ — Das mais características praias da nossa costa ocidental. Faina piscatória de interêsse inesgotável. Panoramas surpreendentes — como êste, do «Sítio».

BALEAL — Perto de Peniche e fronteira às ilhas Berlengas. Paisagem de rara beleza. Mar forte e muito iodado. Vida simples.

PRAIA DA ROCHA — A 2 quilómetros de Portimão. Paisagem deslumbrante. Praticável até no inverno. Luz paradisíaca. Hotel sôbre o mar. «Se há, talvez, exagêro em chamar-lhe a mais bela praia de Portugal, é, porém, uma das mais extensas e mais planas, a de areia mais fina e mais dourada». *(Guia de Portugal)*.

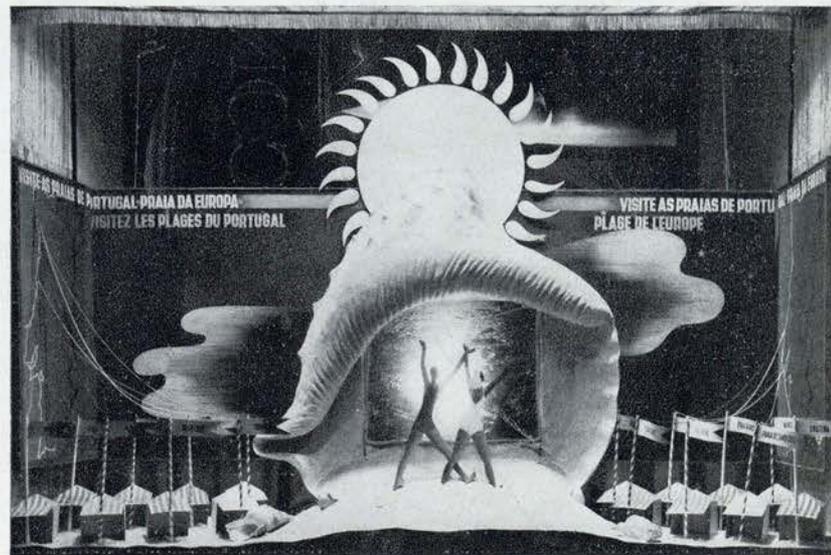
ALBUFEIRA — Notável, como tôdas as da costa meridional, pela cenografia das rochas, a luminosidade e a finura da sua areia. O mar é, quási sempre, tão brando como um lago; por isso podem as crianças freqüentá-la, sem perigo.

LAGOS — (Um aspecto da baía). Os habitantes da cidade não necessitam, para tomar banhos, de sair do seu âmbito. A baía de Lagos (que vai desde a ponta da Piedade à ponta dos Três Irmãos ou do Facho, com uma abertura de 2.200 metros) é uma das mais amplas da Europa. No seu prolongamento encontram-se pequenas praias, como as da Trindade, dos Estudantes, da Solária, de São Roque e de Alvor.

ARMAÇÃO DE PÊRA — Uma das mais freqüentadas pelos algarvios. Areal extenso. Belo panorama visto do farol.

QUARTEIRA — A poucos quilómetros de Loulé. Vida modesta e calma. Bem perto, magníficos bosques de pinheiros mansos.

PRAIA DO VAU — Pequena e recolhida, com meia dúzia de casinhas e caprichosos leixões. Pertíssima de Portimão.

LUZ DE LAGOS — Também pouco extensa, mas das mais bonitas e animadas do sul. Resguardada por rochedos imponentes, caindo em escarpa sôbre o mar.

NUMA DAS MONTRAS DO S.P.N. EXIBIU-SE, DURANTE ALGUMAS SEMANAS, ESTA GRACIOSA COMPOSIÇÃO GRÁFICA DE JOSÉ ROCHA, ALUSIVA ÀS LINDAS PRAIAS DO LITORAL PORTUGUÊS

CONIMBRIGA

por Vergílio Correia

PALMIRA, Cartago, Djenila, Pompeia, Mérida, são os nomes prestigiosos, de todo o mundo culto conhecidos, que evocam, quando se pronunciam, o apogeu da civilização romana, criadora ou conquistadora, no Próximo Oriente, na África do Norte, na Itália e na Espanha.

Não que elas tivessem sido as cidades de maior importância, política ou demogràficamente, sob o domínio dos Césares; mas porque foram aquelas que mercê de circunstâncias diversas, favor dos elementos ou engenho dos homens, se conservaram ou ressurgiram.

Uma cidade que ressurge

Grandes agregados urbanos da antigüidade continuaram vivendo, gerações sôbre gerações acumulando construções sôbre construções no solo milenarmente ocupado: — Roma, Paris, Barcelona, Lisboa, Braga...; não sendo por isso possível reconstituir, aí, o que representa a camada romana dêsses lugares privilegiados. Porém, no deserto asiático ou na montanha africana, esquecidas por inúteis, devido ao regresso das populações ao nomadismo; nas vizinhanças do Vesúvio, cujas cinzas modelaram casas e corpos; na charneca que invadiu os arrabaldes da capital da Lusitania, ficaram os arcaboiços ingentes de magníficas urbes, que o nosso tempo fez ressurgir, por intenção cultural e interêsse turístico, duplo destino que serve a poucos e a muitos.

O decénio 1930-1940 viu aparecer, em Portugal, uma dessas cidades antigas abandonadas, cujas ruínas uma cêrca forte custodiava: Conimbriga.

Conhecida por citações de geógrafos e historiadores, pela menção do *Itinerário*, o roteiro das estradas do Império, e por inscrições encontradas no local, nas quais se repete o nome de Conimbriga, nìtidamente pré-romano de composição, a cidade teria sido capital da zona central do país, ocupando situação idêntica à que hoje disfruta Coimbra, que lhe herdou o nome e a categoria.

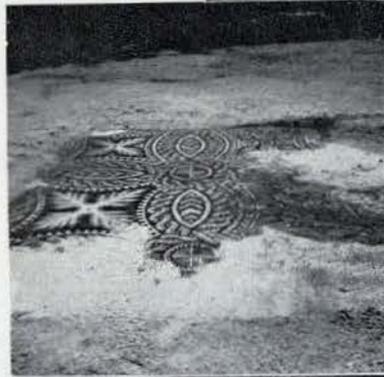
Saqueada pelos suevos, segundo testemunho de Idacio, refloresceu, todavia, durante o período do domínio

visigótico, o que é atestado pela conservação do seu bispado, e materialmente por numerosos elementos arquitectónicos e decorativos dêsse período. Bem longe estava, porém, então, a urbe conimbrigense, do explendor que alcançara na época imperial.

De povoado roqueiro alcandorado no extremo de um promontório rochoso, que fôra com os lusitanos, passara a vasta cidade alastrada pela altura planaltica vizinha, recebera o caudal inexgotável de uma lagoa das cercanias, amoldara-se ao gôsto e dispositivo das capitais provinciais, elas próprias reflexos da urbe máxima, Roma. Templos, palácios, termas, construções públicas e privadas apresentavam nela a monumentalidade característica dos ciclos imperiais mais ostentosos, do século I ao IV.

Na iminência da aproximação dos bárbaros, Conimbriga concentrara-se, recolhera-se dentro de uma formidável muralha que seguindo um perímetro estratégico teve que deixar extra-muros importantes edifícios da cidade nova. De nada lhe valeu a previdência. Seguiram-se o assédio, o incêndio, o massacre, que as fortificações não puderam impedir. Serviram, contudo, para proteger a maior parte da zona urbana através os tempos, do século IX ao XIX, conservando o remanescente dos seus edifícios, soterrados sob os

A imponente muralha defensiva. Pormenores dos magníficos mosaicos. Peças de grande valor arqueológico.

Trecho da grande povoação romana. — Fotos Portugal

detritos dos materiais pulverizados e o humus novo que recobriu tudo. Desde 1930 que o Estado, por intermédio do Ministério das Obras Públicas e Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, subsidia trabalhos de exumação e consolidação das ruínas. Pela Junta Autónoma das Estradas o Govêrno fez construir uma estrada privativa para a cidade morta, não sendo de estranhar que um dia, mais tarde ou mais cedo, da lagoa de Alcebideque uma pena de água saia, correndo ao longo do aqueduto antigo, para vivificar os jardins e animar os pátios dos palácios.

O visitante encontra em Conimbriga o que não pode achar em qualquer outro ponto de Portugal: uma povoação romana de grande categoria, em condições de poder ser admirada no seu sistema defensivo, nas suas portas, vias, construções monumentais e utilitárias; e ainda na sua arte, documentada em particularismos regionais e em magníficos mosaicos.

Se o Estado, à maneira do que acontece com outras grandes cidades romanas do estrangeiro, mandar levantar junto das ruínas um Museu, onde se recolham as peças arqueológicas que continuadamente aparecem na área da cidade e em volta dela, a lição de Conimbriga será completa.

MADEIRA

a ilha do eterno êxtase

por Cabral do Nascimento

Uma tôrre secular domina o coração do Funchal

Essas ilhas, êsses ilhéus são, na sua maioria, deshabitados. Mas a sensação mais intensa que nos produzem, a recordação que mais fortemente predomina no meu espírito, é de que se trata de um arquipélago todo deserto, onde a natureza reina, como senhora absoluta do país.

Em outra qualquer parte do mundo — e quero referir-me ao mundo europeu, a que estas ilhas pertencem só polìticamente — é o homem quem governa, e a terra obedece; muitas vezes até, a natureza precisa de carinhos especiais, as plantas requerem estufas e viveiros, o humo é artificialmente fabricado e enriquecido, os cenários, sempre emmoldurados pelas casas, pelos grandes armazéns, pelos acidentes do progresso, lembram a tôda a hora a acção humana sobrepondo-se à vida vegetal. Os portos eriçados de guindastes e latejantes de ruídos fabris chamam constantemente à realidade mecânica.

Na Madeira é o contrário. Suponho que sempre o foi e oxalá continue, perpètuamente, a ser. A sua vantagem é assim manifesta, como região de repouso, como lugar privilegiado para o descanso.

Se os cactos não avançam, como os da Austrália, uns quarenta hectares em duas horas — e estou livrescamente a recordar-me de Aldous Huxley — sente-se, todavia, perante a morte aparente do elemento humano, em face do seu adorável sonambulismo, o processo de crescimento e maturação da flora em tôda a sua fôrça triunfante. A actividade dos sentidos progride sem constrangimento nem cerimónia. Vibra a voz das aves, como em vergel paradisíaco; as aranhas estendem densas teias à nossa vista; as formigas marcham em filas cerradas; as águas brotam das nascentes, como percutidas da varinha mosaica. Perante tamanha exuberância, o homem cedeu e pôs-se a contemplar.

Esta contemplação é a base do turismo insular. Admirar, extasiar os olhos, divagar a vista pelo horizonte — limitado, é certo, mas duma grande intensidade de côr, duma grande violência de contrastes — eis a função do excursionista e aquilo que eu lhe aconselho particularmente. Não pensar, não ler, não escrever. Inútil e desnecessário todo o combate clássico à natureza: o preservar-se do frio, o evitar o calor, o matar a fome. Não há frio, não há calor, nem sequer grande apetite, que só as fortes transições climáticas estimulam. Supérfluas são, também, quaisquer curiosidades artísticas ou literárias. O mundo parece em contracção, dir-se-ia ter-se restringido a uma escassa circunferência, onde os interêsses universais se perderam.

É costume classificar de fantásticas as narrações que os jornalistas e viajantes fazem de qualquer país que visitam em poucas horas. Tudo nas suas descrições nos parece exageração de cérebros em delírio. Há quási sempre um patriota que escreve uma carta a desmentir tais impressões, procurando fazê-las descer ao nível do bom senso e da lógica. E, no entanto, a razão e a verdade estão muitas vezes ao lado do primeiro. As pessoas habituadas a ver e ouvir uma coisa todos os dias, acabam por não ver nem ouvir. Além disso, o forasteiro retém só meia dúzia de aspectos que considerou essenciais e característicos, e dêles faz uma generalização definitiva. É o substrato da realidade, a quinta-essência do natural. Acredito mais nêles do que nas estatísticas, nos documentos, nas fotografias. O Arquipélago da Madeira deve, principalmente, a sua fama e notoriedade mundial aos relatos breves, alucinantes, quási incríveis dos estrangeiros que o têm visitado. Nessa escola me quero filiar, convicto da sua superioridade e eficácia.

Creio que temos procedido erradamente no que respeita ao aproveitamento das ilhas, como pontos de turismo português. Zarco foi o primeiro malfeitor, tentando contrariar a natureza, como fez, com o incêndio da floresta. De então para cá tem-se querido incendiar qualquer coisa todos os dias, para falar em sentido figurado. Mas neste combate ao pitoresco, o homem não levará a

A povoação de Câmara de Lobos, aninhada junto ao Cabo Girão

melhor. Pelo menos deseja-se que assim não seja, e os organismos directamente interessados tal não devem permitir.

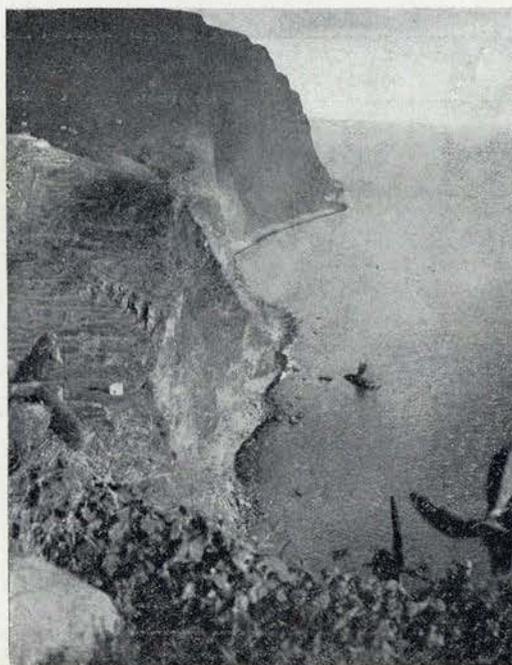
O que tenho vindo a dizer, refere-se, no fim de contas, só à Ilha da Madeira. A outra, a de Pôrto Santo, é inteiramente diversa. Melhor ainda: é oposta. O que abunda na primeira, falta na segunda; o que escasseia naquela, nesta reside em abundância. Contradizem-se, como duas irmãs invejosas — duas irmãs gémeas, uma que saíu tal qual a mãi, a Natureza, que a concebeu; a outra, a mais pequena, vivo retrato do pai, Portugal, que a gerou. No físico, sim, esta última: na constituïção geológica, na côr da terra e da areia, nas águas minerais, em certa estiagem. E muito, também, no resto: nos costumes, no teor da vida, no folclore em geral. Pôrto Santo é genuïnamente português.

Vendedeiras de flores

Em metade da costa, forma uma enorme, extensíssima praia de areia loira, onde o mar dorme sossegado. Um paraíso para os banhistas, os amadores de desportos náuticos e da pesca. Os ilhéus de redor, sinuosos, perfurados, têm grutas onde a luz chega não se sabe vinda como, de uma transparência irreal, verde-azul, fantástica.

A Berlenga em menor tamanho, repetida muitas vezes.

As Desertas e as Selvagens — outro arquipélago mais ao sul — não atingiram ainda a maioridade, ou, por outra, atingiram-na, mas estão sob curatela, por incapacidade manifesta. As Desertas, mau-grado o nome, já foram habitadas, mas a experiência não deu compensações. São como náufragos que se debatem no meio das ondas, cheios de sêde. Falta-lhes a água, — sem a qual não há vida. Perto, está um rochedo que tem a forma exacta dum veleiro. Dêle se conta uma história, que li no manuscrito duma inglesa que em 1852 visitou Portugal e as ilhas do Atlântico. São sempre os estrangeiros que sabem estas coisas! Certo capitão dum navio holandês passou por ali em noite de luar, viu o suposto veleiro, chamou à fala e, como não obtivesse resposta, fez fogo contra êle. No dia seguinte chegou ao Funchal e contou que tinha atacado e vencido um navio pirata, proeza de que muito se ufanou. E por certo com razão. D. Quixote é de todos os tempos. E as mais belas façanhas têm sempre um fundo muito humano, onde a realidade e o sonho se misturam.

Quem alguma vez visita a Madeira, jamais a esquece. É um jardim de sonho, como descido do céu, pousado na imensidade do Atlântico. De todos os pontos elevados da ilha se vêem trechos de paisagem tão surpreendentes e extaseantes como estes.

TURISMO

BOLETIM MENSAL DE TURISMO

EDITADO PELO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

ANTIGAMENTE, era a retórica. De cá para lá e de lá para cá, o Brasil e Portugal tentavam disfarçar uma inexplicável incompreensão mútua com discursos farfalhudos e estéreis. — Batalha de flores... (Aqueles que se aborreciam com isto e agiam num sentido oposto, não contam, claro está, nesta rápida evocação. Eram *indivíduos* e poucos).

Houve outra fase em que as palavras inchavam no ar e caíam, de ambos os lados, ásperas e explosivas. Ouviu-se durante algum tempo o Brasil falar numa «língua brasileira», e Portugal acusar de «bobagem» essa lembrança do mano mais novo. — Batalha de bombas de Santo António...

A incompreensão persistia, inexplicável e sensível. Tão sensível, que muitos chegaram a descrer da possibilidade de um entendimento duradouro, de uma colaboração positiva, contínua e eficaz.

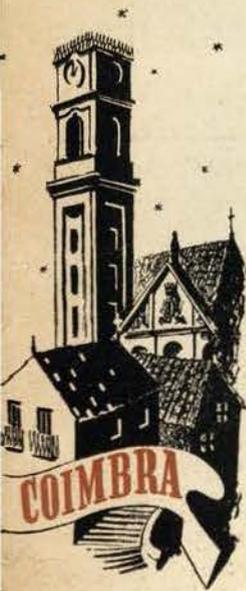
Afinal, era um equívoco. Nem podia ser outra coisa. Quando a retórica desatou a deitar os bofes pela bôca (mas ela própria, diga-se de passagem, exerceu, de certo modo, funções desbravadoras, foi «bandeirante»), quando se viu claramente que a «língua brasileira» havia sido uma núvem a mais sôbre o Atlântico, percebeu-se de ambos os lados que só bastaria um sôpro — oportuno e certeiro — para que a tal incompreensão se desfizesse e as duas mãos se apertassem, nuas, fraternas e quentes.

O sôpro foi dado agora. Em 4 de Setembro, no Palácio Catete, António Ferro e o Director do Departamento de Imprensa e Propaganda do Brasil assinaram o *Acôrdo Cultural Luso-Brasileiro*. Tôda a Imprensa dos dois países publicou o texto dêsse acôrdo (no qual nem foi esquecido o Turismo, no amplo e dinâmico sentido em que todos devemos concebê-lo), pondo em relêvo a importância fundamental e a oportunidade flagrante dos seus artigos.

Registamos êste acontecimento com alegria e... sem retórica. As mãos que já se apertam — nuas, fraternas e quentes — falarão, de futuro, mais claro e mais forte do que tôdas as palavras.

O QUE TEMOS EM COIMBRA DE MAIS IMPORTANTE

IGREJAS E MOSTEIROS	PALÁCIOS, CASTELOS E MONUMENTOS	MUSEUS E BIBLIOTECAS	DIVERSOS
Igreja de Santa Cruz e cláustro da Manga.	Universidade.	(*) Museu de Machado de Castro.	Escada do Asilo dos Velhos na rua da Sofia (azulejos).
Igreja de Santiago (ruína).	Paço de Sub-Ribas.	Biblioteca da Universidade.	Subterrâneos do Museu Machado de Castro (construções romanas).
Sé Vélha e cláustro.	Tôrre de Anto.	*Nota:* Há em Coimbra outros museus mas de interêsse restrito.	Arco d'Almedina.
Sé Nova.	Casa do Navio.		Ninho dos pequeninos.
Santo António dos Olivais (Igreja e Mosteiro).	Castelo de Montemor-o-Velho.	(*) *Êste Museu possui um recheio notável, principalmente em escultura, cerâmica, tapeçarias, alfaias religiosas, ourivesaria, etc.*	Cruzeiro de S. Marcos.
Igreja de Santa Clara-a-Velha	Castelo de Penela.		Túmulo da Raínha Santa Isabel, na igreja de Santa Clara-a-Nova.
Igreja de Santa Clara-a-Nova			Na igreja de Santa Cruz: o púlpito, os tapetes persas, a sacristia e os túmulos de D. Afonso Henriques e de D. Sancho.
Mosteiro de Celas.			Conimbriga (perto de Condeixa: — ruínas de uma povoação romana).
Lorvão (Igreja e Mosteiro; no caminho para Penacova).			
Mosteiro de S. Marcos (Panteon).			

QUEM NÃO CONHECE COIMBRA NÃO CONHECE PORTUGAL

CONHEÇA A SUA TERRA / CONHEÇA A SUA TERRA

CIRCUITOS PARA VÁRIOS DIAS

LISBOA - COVILHÃ - VISEU - BUÇACO - COIMBRA - BATALHA - LISBOA

	Kms.
LISBOA	
Santarém	78
Tomar	60
Certã	50
Castelo Branco	70
Fundão	43
Covilhã	19
Guarda	50
Celorico da Beira	27
Viseu	57
Santa Comba Dão	37
Luso-Buçaco	28
Coimbra	27
Condeixa (Conimbriga)	13
Pombal	27
Leiria	27
Batalha	11
Alcobaça	20
Nazaré	13
Caldas da Raínha	29
Óbidos	6
Lisboa	88
	780

BUÇACO:
Palace Hotel
Diárias desde 50$00

TOMAR:
Hotel União
Diárias de 25$00 a 40$00
Pensão Gandara
Diárias de 14$00 a 20$00

COVILHÃ:
Grande Hotel Covilhanense
Serra da Estrêla Hotel (Penhas da Saúde)
Pensão Campos, etc.
Diárias de 20$00 a 140$00

GUARDA:
Café-Restaurante Cristal
Restaurante «A Madrilena»
Almoços 10$00

VISEU:
Grande Hotel Avenida
Grande Hotel Portugal
Pensão André
Diárias de 18$00 a 40$00

COIMBRA:
Hotel Astória
Hotel Avenida
Hotel Bragança
Coimbra Hotel
Várias Pensões e Restaurantes
Diárias de 22$00 a 120$00

LUSO:
Vários Hotéis e Pensões
Diárias de 20$00 a 140$00

ÓBIDOS:
Estalagem do Lidador
Diárias 35$00

LISBOA-S. TIAGO DO CACÉM-P. DA ROCHA-FARO-ÉVORA-LISBOA

	Kms.
LISBOA (Cacilhas)	
Setúbal	42
Alcácer do Sal	51
Grândola	22
S. Tiago do Cacém	23
Sines	18
Odmira	53
Lagos	73
Portimão	18
Praia da Rocha	2
Silves	19
Loulé	42
Faro	16
Olhão	9
Tavira	21
Vila Real de Santo António	22
S. Braz de Alportel	44
Almodóvar	58
Castro Verde	21
Aljustrel	21
Beja	36
Vidigueira	24
Portel	16
Évora	42
Montemór-o-Novo	31
Vendas Novas	23
Setúbal	49
Azeitão	13
Lisboa (Cacilhas)	28
	837

SETÚBAL:
Resturante Bucage
Restaurante Clube Naval
Almôço: desde 15$00

S. TIAGO DO CACÉM:
Pensão S. Tiago
Pensão Gancho.
Almôço: desde 9$00

PORTIMÃO:
Hotel Central
Dárias de 27$00 a 37$00

PRAIA DA ROCHA:
Grande Hotel da Rocha
Hotel Bela Vista
Diárias de 35$00 a 70$00

FARO:
Cabaz da Fruta (Sota)
Diárias de 25$50 a 32$00

VILA REAL DE S.TO ANTÓNIO:
Grande Hotel Guadiana
Diárias de 25$00 a 60$00

BEJA:
Hotel Bejense
Pensão Vidigueira
Diárias de 20$00 a 32$00

ÉVORA:
Hotel Alentejano
Pensão-Restaurante Carolina
Diárias de 25$00 a 65$00

O QUE TEMOS EM COIMBRA DE CARACTERÍSTICO

PONTOS DE VISTA, PARQUES E JARDINS

Parque de Santa Cruz.
Parque da Cidade (Insua dos Bentos).
Jardim Botânico.
Choupal.
Quinta das Lágrimas.
Monte Arroio.
Cemitério da Conchada.
Penêdo da Meditação.
Penêdo da Saüdade.
Varandas da Universidade.
Santo António dos Olivais.
Vale de Canas.

CULINÁRIA E DOÇARIA

Manjar Branco, de Celas.
Cozinha Portuguesa.
Laranjinhas de Celas.
Queijadas de Pereira.
Pastéis de Tentúgal.
Arrufadas.
Pastéis de Santa Clara.
Dôces de Ovos de Lorvão.

FOLCLORE E INDÚSTRIAS ARTÍSTICAS TRADICIONAIS

Campaínhas de barro.

Loiça de barro de Mirando do Côrvo (de especial interêsse: os azados).

Serralharia artística.

Cerâmica popular.

A conhecida canção de Coimbra, a que o povo chama fado, pode considerar-se uma transformação do fado de Lisboa, devido à influência das canções levadas para Coimbra pelos estudantes vindos de todos os pontos do país.

HOTEIS E RESTAURANTES

Hotel Astória.
Hotel Internacional.
Coimbra Hotel.
Hotel Bragança.
Hotel Mondego.
Hotel Central.
Hotel Avenida.

Restaurantes do:

Café Central.
Café Nicola.
Café Santa Cruz.
Etc.

MUSEUS DE LISBOA

Nomes	Endereços	Telefones	Preços de entrada	Grátis	Aberto	Fechado	Conservadores
AGRÍCOLA COLONIAL......	Calçada do Galvão (entrada pelo Jardim Colonial)	81.100	Grátis	—	Das 11 às 16,30	2.ª-feira e feriado	Carlos Eugénio de Melo Geraldes
AQUÁRIO VASCO DA GAMA	Dafundo	—	1$00	—	Das 11 às 19	—	Alfredo Magalhãis Ramalho
ARQUEOLÓGICO	Largo do Carmo	—	1$00	—	Das 11 às 17	2.ª-feira	António Pedro Sampaio
ARTE SACRA (Museu de S. Roque)........................	Largo da Misericórdia	20.141	2$50	Domingo	Das 11 às 16,30	2.ª-feira	Manuel Lopez Albornoz Júnior.
ARTE SACRA DE S. NICOLAU	Rua da Vitória	—	1$00	—	Só ao domingo, das 13,15 às 15	—	Cónego António Maria Figueiredo
ARTILHARIA (Museu Militar)	Largo do Museu de Artilharia	27.340	1$00	Domingo	Das 10 às 16	2.ª-feira	João da Conceição Tomaz Rodrigues.
BARBOSA DU BOCAGE ...	Faculdade de Ciências, rua Escola Politécnica	—	2$50	5.ª-feira	Das 12 às 16	Domingo	Dr. Artur Ricardo Jorge
ETNOGRÁFICO COLONIAL	Sociedade de Geografia de Lisboa	25.401	Grátis	—	Domingo, das 11 às 16	—	Coronel João Alexandre Lopes Galvão
ETNOLÓGICO PORTUGUÊS (Dr. Leite de Vasconcelos)...	Convento dos Jerónimos	81.109	2$50	Domingo e 5.ª-feira	Das 11 às 17	2.ª-feira	Dr. Luiz Chaves
IGREJA DA MADRE DE DEUS	Asilo Maria Pia (Xabregas)	—	—	—	Das 10 às 17	2.ª-feira	—
MARINHA (Museu de)	Rua do Arsenal	20.079	Grátis	—	Das 11 às 17	Domingo	Eduardo do Couto Lupi (director)
NACIONAL DE ARTE ANTIGA	Rua das Janelas Verdes	64.151	2$50	Domingo e 5.ª-feira	Das 11 às 16,30	2.ª-feira e feriado	Dr. João Couto (director) Augusto Cardoso Pinto
NACIONAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA	Largo da Biblioteca Pública	21.170	2$50	Domingo e 5.ª-feira	Das 11 às 17	2.ª-feira	Pintor Sousa Lopes (director) Francisco Romano Esteves
NACIONAL DOS COCHES...	Largo Afonso de Albuquerque	81.205	2$50	Domingo e 5.ª-feira	Das 11 às 16	2.ª-feira	Luiz Keil
RAFAEL BORDALO PINHEIRO	Campo 28 de Maio, 282	—	Grátis	—	Das 11 às 17	2.ª-feira	Julieta Ferrão

ALGUMAS AGÊNCIAS DE VIAGENS E DE TURISMO

LISBOA

NOMES DAS AGÊNCIAS	*ENDERÊÇOS*	*TELEFONES*
Automóvel Clube de Portugal (Secção de Turismo)..............................	Largo do Calhariz, 29 - 1.º	20245
Cook (W. L.)..	Rua do Carmo, 87-C. Estoril — Galerias do Parque	25375 Estoril 285
Delegação para o Turismo (C. P.)..	Estação do Rossio (1.º andar)	24146
Sociedade de Propaganda de Portugal..	Largo do Chiado, 12 - 2.º	23972
S. P. N. (Agência de Turismo)...	Rua de S. Pedro de Alcântara, 75	29311 — Extenção 301

ROTEIRO DO VINHO PORTUGUÊS

QUARTA JORNADA

Quem quiser vertebrar a grande zôna do vinho de pasto, siga a estrada que por Tôrres Vedras vai ao Bombarral, — deixando Cadaval à direita — toca em Óbidos, atravessa Caldas da Raínha, Alcobaça; ladeia a Batalha, para ir cortar Leiria, atravessar Pombal e, em Coimbra, entra na Bairrada.

Esta região, por demasiado rica em monumentos históricos e variados aspectos panorâmicos, merece uma viagem longa, cortada por constantes paragens — embora possa fazer-se no percurso de um dia. Por tôda a parte surgem os vinhedos galgando as encostas suaves, numa fantástica galopada verde, aqui, acolá, cortada pelos pinheiros.

Boa meia dúzia de castelos erguem-se, como fieis guardas dêsses vinhos famosos, rubis ou topazios, onde os perfumes do fruto saboroso deixaram fervor inesquecível — e quantas capelas, igrejas, conventos, mosteiros!

Tão velha, pelo menos, como a nossa nacionalidade é a vinha na Estremadura. Os soldados que para a Cruz conquistaram ao moiro estas terras, breve as tornaram férteis fazendas com a cultura mais colonizadora que existe: a vinha. Tôda esta valorização económica, nas crónicas antigas, nos vetustos forais, ombreia com os feitos de armas e acontecimentos políticos da vida portuguesa nestas paragens que foram berço da nacionalidade.

Fernão Lopes, na Crónica de El-rei D. Fernando, diz que foram os vinhos da Estremadura os que primeiro saíram a barra de Lisboa e fala nas «grandes carregações de vinho» mandadas para a Flandres e a Alemanha; quinhentos navios com 12.000 toneis de vinho eram exportados por ano. E Gil Vicente, no seu auto «Pranto de Maria Parda — porque viu as

ruas de Lisboa com tão poucos ramos nas tabernas e o vinho tão caro», refere-se em certo passo a esta região:

> *«Item mais mando fazer*
> *hum espaçoso esprital,*
> *que quem vier de Maldrigal*
> *tenha onde se acolher.*
> *E do termo d'Alcobaça*
> *quem vier dem-lhe em que jaça;*
> *e dos termos de Leirea*
> *dem-lhe pão, vinho e candea*
> *e cama, tudo de graça.»*

Saídos de Tôrres Vedras, por uma estrada cujos limites e horizontes são dominados pela vinha, depois de se passar pelo Bombarral, e tem-se avistado lá no alto, a Cruz do Picoto, sobranceira à Columbeira, donde se abarca todo o concelho, Óbidos dá-nos um quadro medieval, aconchegando a povoação na protecção das muralhas que nascem do velho Castelo, ali erguido pelos Túrdulos (308 A. C.) e tomado por Afonso Henriques em 1148. A «Estalagem do Lidador», acolhedora, castiça, recordará que na região há boa cozinha e óptimos vinhos... mas o tempo urge e outras curiosidades chamam a nossa atenção. A igreja do «Senhor da Pedra» fica à esquerda, um quilómetro mais além, antes de se alcançar Caldas da Rainha, onde a figura hierática da rainha D. Leonor, a mãi dos pobres, nos recebe logo à entrada.

Aqui são as cavacas célebres, as trouxas de ovos não menos afamadas que, de parceria com um bom «estremadura», constituïrão o «mata-bicho» de grande classe...

> *«Vai o sol no seu caminho...*
> *na Estremadura se eleva.*
> *E é nas cepas que dão vinho*
> *que mata a sêde que leva!»*

As faianças engraçadas, que lembram o génio humorístico de Rafael Bordalo e nos colocam perante um «António Maria» de barro vidrado, devem ser objecto de curiosa visita.

Vale bem um pequeno desvio na rota traçada a interessantíssima Gruta das Alcobertas; mas, neste caso, siga-se para Alcobaça pela estrada que vem de Rio Maior por Turquel, que orgulhosamente exibe o seu pelourinho.

Em Alcobaça — nome formado pelos dois rios que ali se juntam: Alcôa e Baça — a atenção é absorvida imediatamente pelo grandioso Convento, de frontaria do segundo Renascimento. No portal da entrada de estilo gótico, pare-se um momento e contemple-se a nave central: é uma visão que nunca esquecerá, pela sua imponência esmagadora. Aí se compreenderá todo o esfôrço do Homem para se erguer a Deus...

De Alcobaça levem-se loiças e lenços regionais, e algumas garrafas de tinto e de branco, dêsse vinho delicioso, leve, perfumado, que teria levado Frei Rafael a dizer: «é a chave que, sem voltar, abre o coração e solta os pensamentos».

A entrada, direito ao norte, conduz a Aljubarrota — repare-se na capelinha de S. Jorge, à direita, com a bilha de água fresca num nicho — e, depois de atravessar o Lena, à Batalha, evocadora do momento histórico da vida portuguesa que, hoje, melhor podemos compreender e sentir. Passando o lugar de Azóia, desce-se para o Vale de Liz.

Altaneiro e majestoso, o castelo ergue-se sôbre a cidade alegre e operosa. O Rei Lavrador fêz dela paço real, e D. João I engrandeceu-o. Lá dentro encontra-se a igreja, tipo do gótico primário.

Aqui procurem-se os vinhos brancos, verdadeiramente bons, embora primitivos e rústicos, mas genuínos.

A paisagem é, agora, dominada pelo pinheiro, apesar-de, constantemente, se encontrar a vinha. — Assim se chega a Pombal, assinalado já de longe pelas muralhas do velho Castelo.

Sob o ponto de vista vinícola as características são idênticas às de Leiria.

A mesma estrada negra, realização da nossa geração, que é um símbolo da vida nacional, leva-nos finalmente a Coimbra, a cidade da Luz, o cérebro e o coração que pulsam, célebres desde o século XIII. Fundada pelos Celtas, foi côrte e é um repositório de tradições gloriosas, suavemente inclinada nas margens bucólicas do poético Mondego.

Pode aqui parar êste percurso — ficamos às portas da Bairrada, uma das mais curiosas manchas vinícolas do País.

António Batalha Reis.

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

2.º Congresso Transmontano

Mais útil do que tentarmos explicar a utilidade tão evidente dos Congressos Regionais, a propósito do que há pouco se realizou, com êxito invulgar, em Trás-os Montes, julgamos que será o fazermos aqui a transcrição de alguns dos mais importantes votos que nêle foram apresentados, e obtiveram unânime aprovação:

«*Para que Trás-os-Montes seja uma região aberta ao turismo é necessário que se marque um percurso turístico principal e suas ramificações, construindo-se estalagens em lugares pitorescos e saüdáveis, mantendo-se nelas um inteligente regionalismo e formando-se o calendário das festas e romarias características da província, para tornar mais económicas as excursões, sem prejuízo dos transportes.*

Impõe-se a ligação das linhas de via estreita do Minho com as de Trás-os-Montes, pedindo-se a transversal de Valpaços e, para assegurar a continuïdade das linhas, que se estabeleça a exploração da linha do Tâmega.

Importa acelerar a conclusão da rêde de estradas municipais de Trás-os-Montes e activar a reforma dos pavimentos das principais estradas macadamizadas.

É necessário promover o turismo em Moncorvo, região privilegiada para cura de repouso.

Os dialectos transmontanos extinguem-se, urgindo que o Ministério da Educação Nacional ordene o imediato estudo científico do mirandês, riodonês e guadramilês, segundo os modernos métodos de investigações filológicas.

A música do povo trasmontano deve ser quanto antes colhida com método e proficiência.

O Estado e as autarquias locais devem proteger e auxiliar a colheita etnográfica e folclórica, não só do povo trasmontano, mas de todo o Portugal.

Devem ser protegidos, restaurados e conservados todos os castelos da província de Trás-os-Montes, estendendo essa protecção aos pelourinhos municipais e sendo reconstituída a capelinha de Bornes. Promover por intermédio do Estado e das autarquias locais investigações arqueológico-históricas da província.

Que as indústrias populares, como olaria, sedas, tecelagem e outras, sejam protegidas.

Pedir que sejam consideradas as casas regionais como instituïções de utilidade pública.

Que se construa na capital a Casa de Trás-os-Montes em edifício próprio.

Recomendar às câmaras municipais que promovam o culto dos grandes homens que honram a província.

Que se peça às câmaras municipais que conservem o tipo de construção regional, não a adulterando com modernismos impróprios.»

Romarias Famosas

De entre as inúmeras romarias tradicionais que o nosso povo não deixa morrer — e antes lhe insufla, todos os anos, vida nova — tiveram lugar, no mês passado, quatro das mais características do País: as de *Viana do Castelo* (à Senhora da Agonia); da *Murtosa* (a São Paio da Torreira); da *Nazaré* (à Senhora da Nazaré) e a *Elvas* (ao Senhor Jesus da Piedade).

Em tôdas foi notável a afluência de forasteiros, no meio dos quais não era raro verem-se representantes doutros países — refugiados que entre nós encontraram, além dos desinteressados lenitivos em que o nosso povo é pródigo, o ensejo de ver expandir-se a sua alma simples na exuberância estrepitosa e na alegria comunicativa dessas festas, onde a riqueza do folclore e a graça da arte popular lhes foram, com certeza, motivo de espanto e de prazer inesquecíveis.

«Panorama» Agradece

Vários órgãos da imprensa diária, semanários e outros periódicos têm publicado referências à nossa revista, com amáveis louvores à natural boa vontade com que nos esforçamos por servir o País, cumprindo, na medida das actuais possibilidades, o programa anunciado na apresentação do primeiro número.

Têm sido, também, numerosas as cartas recebidas na nossa redacção, com aplausos, sugestões, chamadas a lacunas e críticas bem intencionadas.

A todos — pelo precioso estímulo que as suas atenções constituem — obrigados.

Livros Recomendáveis

Publicaram-se, recentemente, os seguintes livros, cuja leitura recomendamos a quem deseje ampliar os seus conhecimentos sôbre matérias respeitantes à geografia, à arte culta e popular, e ao turismo nacional:

«Excursões no Centro de Portugal. — Paìsagem, Arte e História», pelos professores da Faculdade de Letras de Coimbra: Vergílio Correia, Amorim Girão e Torquato de Sousa Soares — Edição ilustrada com muitas fotografias e um mapa.

«Contribuïção para o estudo do pastoreio na Serra da Estrêla», pelo professor da Faculdade de Letras de Coimbra, Orlando Ribeiro. — Edição (também ilustrada com gravuras e mapas), da Imprensa Nacional de Lisboa.

«As Filigranas», por Luiz Chaves. Com desenhos de Guida Ottolini. — Edição do Secretariado da Propaganda Nacional.

«Jardins e palácio dos Marqueses de Fronteira», por José Cassiano Neves, com fotografias de Mário Novaes. — Edição Gama.

Algumas Lacunas

Como tôda a gente sabe, o turismo, entre nós, está ainda na infância; essa infância começou há pouco a ter personalidade — e a manifestá-la — na organização sistemática dos seus serviços oficiais, cujo dinamismo é, também neste capítulo, demonstrável pelas centenas de ofícios-questionários que têm sido distribuídos por todo o País. Só agora, portanto, principiam a tomar corpo os ficheiros do arquivo onde se encontram os elementos que poderão, com rapidez e segurança, evitar certas pequenas lacunas — que somos, aliás, os primeiros a lamentar.

Doutras, talvez mais importantes, nos penitenciamos, porque são exclusivo produto de lapsos de memória. Mas não nos fica mal pedirmos aos *bairristas* que nos perdõem, visto que também somos, apaixonadamente, bairristas.

Só com esta diferença: é que o nosso bairrismo, em relação às fronteiras regionais, é — como deve ser — um bairrismo *universal*.

OS NÚMEROS 5 E 6
FORMARÃO UM
NÚMERO ÚNICO
EXTRAORDINÁRIO,
DEDICADO AO
NORTE DO PAÍS

Editorial Atica, Lda. — Composição e impressão: Anuário - Of. Gráficas — Gravuras: Bertrand, Irmãos
Rotogravuras: Neogravura, Lda. — Capa: Lit. Costa e Valério

COSTA DO SOL
GOLF
TENNIS
HIPISMO
NATAÇÃO
TIRO
PISCINA
EQUITAÇÃO
ROLETA
BANCA FRAN-
CESA
BACCARÁ
CASINO
CINEMA
CONCERTOS
DANCING
RESTAURANTE
BAR
HOTEIS
COMBOIO
ELECTRICO
ESTORIL
A MAIS ELEGANTE PRAIA DO PAIZ
A 23 KM. DE LISBOA PELA ESTRADA MARGINAL * COMBOIOS RAPIDOS